BV
3625
.M65
C677
1934

LIBRARY OF PRINCETON
OCT 14 1997
THEOLOGICAL SEMINARY

BV
3625
.M65
C677
1934

Digitized by the Internet Archive
in 2014

https://archive.org/details/missoesfrancisca00corr

P. M. Alves Correia

# Missões Franciscanas Portuguesas de Moçambique e da Guiné

1934

Edição do «Boletim Mensal» — Braga

# Missões Franciscanas Portuguesas de Moçambique e da Guiné

P. M. Alves Correia

# Missões Franciscanas Portuguesas de Moçambique e da Guiné

1934

LIBRARY OF PRINCETON
SEP 22 1997
THEOLOGICAL SEMINARY

BRAGA
Tip. das Missões Franciscanas

# D. Rafael Maria da Assunção

## Bispo de Augusta e Prelado de Moçambique

É o mais insigne e o mais antigo dos actuais missionários portugueses (europeus e indianos) da Colónia de Moçambique.

Dos missionários que presentemente trabalham na Prelazia, 4 contam a sua *diuturnidade* desde 1907; 1, de 1909; 1, de 1910; 3, de 1911; 1, de 1912; 2, de 1919; 3, de 1920; 2, de 1921; 2, de 1922; 4, de 1923; 4, de 1925; 3 estão nas missões desde 1926: os restantes são de nomeação ulterior a 1926.

D. Rafael trabalha nas missões de Moçambique desde o ano de 1898.

Os cuidados absorventes da Direcção das Missões Católicas da Colónia de Moçambique e govêrno da Prelazia, juntamente com as ansiosas preocupações do muito que está por fazer, não permitirão a Sua Ex.ª Rev.ma rever-se nas obras já realizadas, que na verdade são magníficas e lhe creditam o título de *Grande Missionário.*

A gloriosa Missão da Beira era — e continua a ser — popularmente denominada *a Missão do Padre Rafael.*

Não é exclusivamente sua, está bem de ver: outros aí trabalharam também e se sacrificaram. Houve e há felizmente valiosos cooperadores. Cansavam uns, acudiam outros; Padre Rafael ficava, mostrando uma persistência e tenacidade incansáveis. Porque *ficava,* também ficou sua, e para sempre, a Missão da Beira.

Ordenado presbítero em 11 de Abril de 1897, a 3 de Junho do ano seguinte, com cinco confrades, embarcava para o seu destino providencial que era — como o tempo veio a demonstrar — a evangelização de Moçambique.

Até 1920 foi êle o principal animador da actividade dos missionários franciscanos; eleito, neste ano, Prelado de Moçambique, teve de ampliar a sua actividade de apóstolo admirável a tôdas as missões da Prelazia.

Como missionário franciscano, D. Rafael tem a melhor parte na fundação e desenvolvimento da grande Missão da Beira, que é porventura o mais importante estabelecimento missionário de tôda a África Oriental; como Prelado de Moçambique, conciliando a boa vontade e auxílios do Govêrno da Colónia, conseguiu levantar três obras que honram Lourenço Marques como sede da Prelazia e capital da Colónia: Santa Ana da Munhuana, S. José de Lhanguene e a Casa das Missões.

A nossa legislação missionária é reputada modelar; particularmente os Decretos n.º 8.351, de 26 de Agôsto de 1922, e n.º 12.485, de 13 de Outubro de 1926, referendado o primeiro por Rodrigues Gaspar, o segundo por João Belo, «são documentos de alto valor que provam quanto ao Govêrno Português interessa a evangelização dos indígenas africanos», e como, segundo a afirmação do mesmo D. Rafael, «nenhum outro Govêrno excede o Govêrno Português em auxílios aos seus missionários». Esta feliz orientação do Ministério das Colónias é devida em parte ao espírito esclarecido e experimentado do Prelado de Moçambique. O notabilíssimo Decreto *Rodrigues Gaspar* foi elaborado quando D. Rafael veio à Metrópole para a sagração episcopal e publicado pouco antes do seu regresso a Moçambique, para tomar posse do govêrno da Prelazia. Quanto ao Decreto *João Belo*, D. Rafael foi convidado e veio expressamente a Lisboa para sua elaboração, como foi convidado e igualmente veio e aí teve grande parte, como legista cultíssimo, o Doutor Alves da Cunha, que então governava a Diocese de Angola e Congo.

**Dados Biográficos.** — Segundo o *Schematismus Provinciæ Portugalliæ,* de 1932, D. Rafael nasceu no lugar de Varatojo a 4 de Novembro de 1874; foram seus pais, Joaquim Maria e D. Joana das Dores; tomou o hábito franciscano em 15 de Agôsto de 1889; fez os primeiros votos em 21 de Agôsto de 1890; professou solenemente em 12 de Dezembro de 1895; foi ordenado sacerdote em 11 de Abril de 1897. A 3 de junho de 1898 partiu para as missões de Moçambique. Em 16 de Novembro de 1920 foi elevado à dignidade de Bispo titular de Augusta e Prelado de Moçambique. Veio sagrar-se à Metrópole e em 24 de Setembro de 1922 regressou a Lourenço Marques, para tomar posse do govêrno da Prelazia.

# Missões Franciscanas Portuguesas

## 1898 — 1934

OS Missionários Franciscanos Portugueses trabalham actualmente na Colónia de Moçambique, onde têm a seu cargo a Missão de Santa Ana da Munhuana, em Lourenço Marques, e tôdas as missões do distrito de Inhambane e territórios da Companhia de Moçambique; e na Colónia da Guiné.

No distrito de Inhambane há as seguintes missões: Missão-Paróquia da vila de Inhambane, entregue aos franciscanos em 1925; Missão do Môngüè, restaurada em 1903; Missão de Homoíne, fundada em 1910; Missão do Mocumbi (ou S. Francisco de Inharrime), fundada em 1909.

Nos territórios da Companhia de Moçambique: Missão-Paróquia da cidade da Beira, fundada em 1898; Missão de Amatongas, fundada em 1918; Missão-Paróquia de Macequece, entregue aos franciscanos em 1918; Missão de Chupanga, a cargo dos franciscanos desde 1929.

Na Guiné: Missão de Bula, fundada em 1932; Missão de Cacheu, fundada em 1932; Missão de Bolama, principiada em 1934.

As Irmãs Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas prestam serviços na Missão de Inhambane, em S. José de Lhanguene (Lourenço Marques) e na Missão de Bula (Guiné). Têm alguns colégios na Índia Portuguesa.

As Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria dirigem as escolas femininas das missões da Beira, de Homoíne e Mocumbi; e a Casa de Educação da Munhuana e Jardim Infantil, em Lourenço Marques. Há algumas Franciscanas Missionárias de Maria nas Missões de Angola.

*O primeiro grupo de missionários franciscanos enviados para Moçambique depois da extinção das Ordens Religiosas de 1834, recebendo a bênção do Snr. Núncio Apostólico.*
Da esquerda para direita: *Salvador Franqueira, P. José Rolim, P. António de S. Maria, P. Rafael da Assunção, Serafim Felisberto e Daniel de Almeida.*

*P. António de Santa Maria. Formado em filosofia e teologia, leccionou no antigo convento de Montariol. Em 1898 partiu para Moçambique a chefiar os primeiros missionários franciscanos. Foi pároco e superior da missão da Beira. Em Janeiro de 1902 retirou para Roma a desempenhar cargo de responsabilidade no govêrno da Ordem Franciscana, e não mais voltou às missões.*

*Grupo de missionários que embarcaram para Moçambique em 1933.*

Sentados: *P. António Ribeiro, P. Manuel Alves Correia, (Representante, junto do Govêrno, das Missões Franciscanas Portuguesas da Guiné e Moçambique.)*

De pé: *José da Cunha, P. João Crisóstomo, P. Manuel C. de Freitas e José Nogueira da Cunha.*

# Desenvolvimento das Missões Franciscanas Portuguesas

1898. — Fundação da Missão da Beira. Missionários, 3. Irmãos auxiliares, 3.

1910. — Missões centrais: Beira, Chai-Chai, Môngüè, Inharrime. Missionários, 9. Irmãos auxiliares, 7. Irmãs auxiliares, 10. Escolas, 8. Alunos, 1.300.

1921. — Missões centrais: Beira, Môngüè, Inharrime, Homoíne Amatongas, Macequece. (A Missão de Chai-Chai, fundada em 1901, foi entregue à Prelazia em 1919 e o seu pessoal transferido para as missões do distrito de Inhambane e Territórios da Companhia de Moçambique). Missionários, 10. Irmãos auxiliares 7. Irmãs auxiliares, 12. Escolas, 6. Alunos, 1800.

1926. — Missões centrais; Beira, Môngüè, Inharrime, Homoíne, Amatongas, Macequece, Inhambane. Missionários, 11. Irmãos auxiliares, 7. Irmãs auxiliares, 24. Escolas, 36. Alunos 2.845. Baptismos de adultos, 290. Baptismos de crianças, 251. Matrimónios, 42.

1933 — 1934. — Missões centrais: Beira, Môngüè, Inharrime, Homoíne, Amatongas, Macequece, Inhambane, Chupanga. Estas em Moçambique. E na Guiné: Bula, Cacheu, Bolama. Missionários, 25. Irmãos auxiliares, 13, Irmãs auxiliares, 34.

Dados relativos ao ano de 1932 - 1933. — Baptismos, 833. As confissões atingiram o número 28.090 e as comunhões 59.914. Receberam o crisma 248 cristãos. Foram 67 os matrimónios abençoados êste ano.

A formação de povoações cristãs em volta das missões, a fim de assegurar a continuïdade moral e religiosa dos indígenas, tem sido a maior preocupação dos nossos missionários nos últimos anos. Um dêles escrevia em 1933: Procura-se em tôdas as missões estabelecer povoações cristãs, para formar um ambiente propício à evangelização. Tem isto custado muito, devido a preconceitos dos indígenas e a outras circunstâncias que é inútil descrever. Alguma coisa se tem conseguido, apesar de tudo. Por exemplo, a povoação de Santa Cruz de Homoíne já conta cêrca de 50 fogos. O empenho dos missionários tem sido fazer do indígena não só um cristão, mas também um homem regularmente instruído. A actividade escolar assumiu particular desenvolvimento. São 74 as escolas existentes, nas quais se matricularam 8.263 alunos. Não tem o preto suficiente perseverança para uma freqüência regular. Êste defeito

*P. Joaquim Marques de Oliveira e o auxiliar António Sousa da Silva embarcados para Moçambique em 1928.*

vai-se atenuando sensìvelmente. Os pais, até agora tão contrários à instrução dos filhos, vão-se tornando mais transigentes, e, se os não mandam à escola, não se opoem, todavia, quando os filhos lá querem ir espontâneamente. Obteve-se uma freqüência média de 5.650. Foram 55 as aprovações em exame do primeiro grau de instrução primária, e 29 no de segundo. Nas missões, além do ensino religioso e escolar, ministra-se o ensino profissional; e, nas do interior também o ensino agrícola. Há 5 oficinas de alfaiataria para rapazes e 4 para raparigas. Nas missões de Homoíne e Inharrime as Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria montaram teares onde se fazem tapetes e outros tecidos muito apreciados. Há 6 oficinas de carpintaria que teem prestado óptimos serviços na construção de postos missionários. Estão em actividade 5 serralharias. Em 4 missões exercitam-se alunos nos trabalhos de serração, em 6 aprendem o ofício de pedreiro, em 2 há oficinas de sapateiro. A Escola de Artes e Ofícios da Missão da Beira é a melhor das nossas escolas profissionais. Possui uma boa tipografia e oficina de encadernação. A banda de música da Escola, tôdas as semanas, dá concertos no jardim público.

*P. José Ribeiro de Magalhães, P. José Alves da Silva e Joaquim Maria Pereira, franciscanos que seguiram para Moçambique em 1930.*

Em quási tôdas as Missões se dispensam aos indígenas assistência sanitária e serviços de enfermagem. «O preto — escrevia um missionário em 1933 — tem procurado muito as missões em busca de alívio aos seus padecimentos. E bem preciso é desviá-lo da multidão de feiticeiros que o ludibriam e exploram, fazendo-lhe, por vezes, ingerir venenos mais ou menos activos, no meio de práticas supersticiosas. Êste ano apresentaram-se nas ambulâncias 5.040 indivíduos, tendo recebido 69.266 curativos».

A folha de serviços prestados pelos missionários franciscanos na Colónia de Moçambique, durante o ano de 1933, pode avaliar-se pelo seguinte quadro:

| | Baptismos | Matrimónios | Confissões | Comunhões | Escolas | Alunos Matriculados | Média de freqüência | Alunos internos | Curativos |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Macequece . . | 196 | 10 | 1.182 | 4.246 | 25 | 2.336 | 862 | 21 | 3.370 |
| Amatongas . . | 16 | 4 | 2.309 | 5.660 | 7 | 288 | 126 | 64 | 4.058 |
| Chupanga . . | 83 | 5 | 2.424 | 9.108 | 13 | 1.511 | 510 | 80 | 12.950 |
| Beira. . . . | 185 | 9 | 10.364 | 18.954 | 22 | 2.380 | 1.168 | 161 | |
| Homoíne . . | 148 | 14 | 5.405 | 16.390 | 11 | 967 | 601 | 112 | 51.447 |
| Inhambane . . | 204 | 4 | 5.990 | 16.587 | 5 | 564 | 330 | 35 | 4.382 |
| Mocumbi . . | 113 | 13 | 4.989 | 18.443 | 9 | 1.491 | 718 | 129 | 22.202 |
| Total. . | 945 | 59 | 32.663 | 89.388 | 92 | 9.564 | 9.564 | 602 | 99.202 |

# Pessoal Missionário

Pertencem ao quadro activo das Missões Franciscanas Portuguesas de Moçambique (Abril, 1934):

**Sacerdotes:**

P. Albano E. Alves, nomeado em 1925;
P. António Augusto Rodrigues, nomeado em 1921;
P. António Maria de Oliveira, nomeado em 1909;
P. António Ribeiro, nomeado em 1923;
P. Camilo Fernandes de Azevedo, nomeado em 1929;
P. Francisco Feliciano, nomeado em 1932;
P. Joaquim Marques de Oliveira, nomeado em 1928;
P. Joaquim de Sousa Violante, nomeado em 1922;
P. João Crisóstomo Borges, nomeado em 1933;
P. João Rodrigues de Oliveira, nomeado em 1928;
P. José Alves da Silva, nomeado em 1930;
P. José Benedito de Castro, nomeado em 1920;
P. José Eleutério da Silva, nomeado em 1926;
P. José Miguel Vieira, nomeado em 1914;
P. José Ribeiro de Magalhãis, nomeado em 1930;
P. Manuel Marques, nomeado em 1922;
P. Manuel António Sambade, nomeado em 1932;
P. Manuel Carneiro de Freitas, nomeado em 1933;
P. Martinho da Rocha Barbosa, nomeado em 1923;
D. Rafael Maria da Assunção, nomeado em 1898.

*Total*. . . . 20

**Irmãos auxiliares;**

António Sousa da Silva,
Abel Martins,
Domingos Alves,
Joaquim Maria Pereira,
José Coelho,
José da Costa,
José Maria Bártolo,
José Nogueira da Cunha,
Luís da Cruz,
Manuel Teixeira Cardoso.

*Total*. . . . 10

**Irmãs auxiliares:**

Franciscanas Missionárias de Maria e Hospitaleiras Franciscanas Portuguesas — 30

*P. José Serafim Pedreira missionário desde 1901 a 1918.*

*P. Alberto Teixeira de Carvalho. Trabalhou nas missões de 1903 a 1920.*

Prestaram serviço nas Missões Franciscanas Portuguesas de Moçambique:

*Daniel de Almeida. Seguiu para Moçambique no primeiro grupo missionário (1898) e aí trabalhou até 1916.*

*P. José Rolim, dos missionários fundadores da Missão da Beira. Regressou doente a Portugal em 1899.*

**Sacerdotes:**

P. Alberto Teixeira (trabalhou nas Missões de 1903 a 1920);

P. Ângelo das Neves Gaveta;

P. António de Santa Maria (Superior dos primeiros Missionários em 1898);

P. Camilo das Neves Gaveta;

P. Cândido de Magalhãis;

P. Daniel da Cruz;

P. Eduardo Lama;

P. Inácio Rodrigues (falecido em Portugal em 27 de Janeiro de 1927, com dezoito anos de serviço nas Missões);

P. José Rolim (que pertenceu ao grupo dos fundadores);

P. José Serafim Pedreira (Missionário desde 1901 a 1918);

P. Roque Botelho do Amaral.

*Total*. . . . 11

**E os Irmãos auxiliares:**

Daniel de Almeida (com os fundadores em 1898);

Félix de Jesus;

Félix Reis;

José da Conceição Ramos;

Manuel Bonifácio (falecido no Hospital de Vila Pery, em 1 de Abril de 1927);

Manuel Dias Ribeiro (falecido em Inhambane em 22 de Julho de 1924);

Mateus Maria (falecido em Portugal, a 22 de Agôsto de 1915);

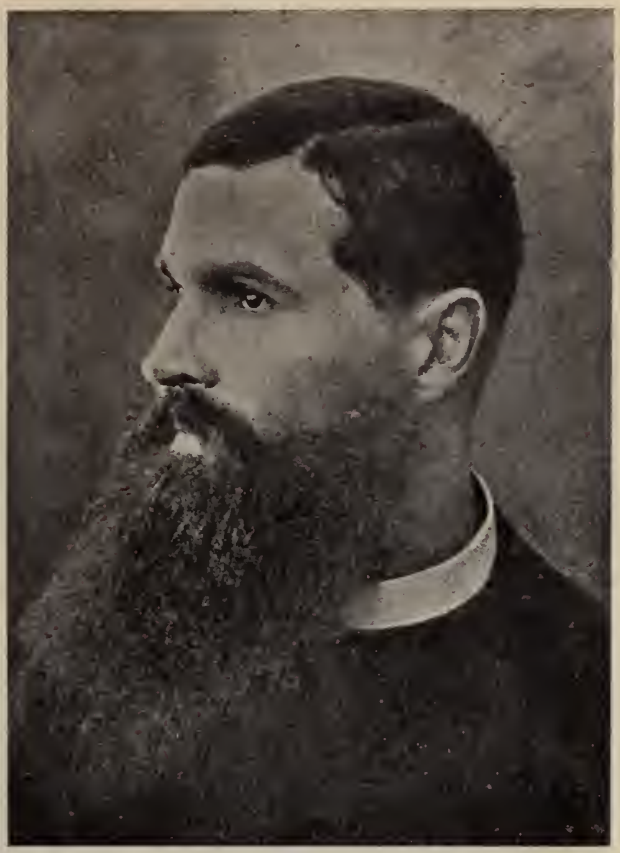
Joaquim Roque Ribeiro (falecido em Chai-Chai, em 23 de Fevereiro de 1907);

Salvador Franqueira (do primeiro grupo missionário de 1898, falecido em Inharrime em 22 de Agôsto de 1915);

Serafim Felisberto (acompanhou os primeiros missionários em 1898, morreu na Beira em 12 de Agôsto de 1901);

Silvestre Cordeiro.

*Total*. . . . 11



*P. António Ribeiro. De prefeito do Colégio de S. António em Tuy seguiu para Moçambique em 1923. Comissário dos franciscanos de Moçambique desde 1924 a 1930 e superior da missão da Beira de 1924 a 1933 foi nesse ano eleito Superior dos Franciscanos Portugueses.*

*P. António Maria de Oliveira. Está ao serviço das missões de Moçambique desde 1909. De Superior da missão de Homoine foi, em 1930, transferido para Superior da missão de Amatongas e feito ao mesmo tempo Comissário dos franciscanos de Moçambique,*

*P. Inácio Rodrigues. Serviu nas missões desde 1908 até 1926. Doença pertinaz o trouxe nesse ano a Portugal. Faleceu em Montariol (Braga) a 27 de Janeiro de 1927.*

■

*P. José Miguel Vieira. Foi o primeiro franciscano que embarcou para Moçambique depois de 1910. Á data da proclamação da República era estudante em Montariol (Braga). Recolheu se então a um convento franciscano da Suíça e, ordenado presbitero em 1912, seguiu para as missões em 1914 e ai trabalha há 20 anos.*

*P. Eduardo Lama. Prestou serviço nas missões desde 1906 a 1910*

Prestam actalmente serviço nas missões da Guiné:

**Sacerdotes:**

P. António Joaquim Dias;

P. Francisco Alves Crespo;

P. Joaquim Pereira das Neves;

P. José Augusto Miranda Pascoal;

P. Pedro de Araújo, missionário de Moçambique, nomeado em 1920, transferido desta Colónia para organizar a primeira missão franciscana destinada à Colónia da Guiné, para onde seguiu em Fevereiro de 1932.

*Total* . . . . 5

**Auxiliares:**

António Fernandes (embarcou em 1932);

António Nogueira da Cunha (embarcou em 1934);

José Queiroz (embarcou em 1932);

Quatro Irmãs, das Hospitaleiras Franciscanas Portuguesas, (embarcaram em 1932).

*Total* . . . . 7

*Missionários que embarcaram para Moçambique e para a Guiné em 1932.*
Sentados: *P. Manuel António Sambade, P. Pedro de Araújo, P. Martinho da Rocha Barbosa, P. Francisco Alves Crespo.* De pé: *António Fernandes, P. Francisco Feliciano, P. José Augusto Miranda Pascoal, José Queiroz.*

*P. Pedro de Araújo, formado em filosofia na Universidade de Lovaina (Bélgica) era Professor e Reitor do Colégio de S. António de Tuy quando, em 1920, foi nomeado Comissário dos Franciscanos de Moçambique e Superior da Missão-Paróquia da Beira, cargos que desempenhou até 1924.*

*Em 1932 veiu a Portugal organizar a primeira missão franciscana da Guiné e para aí seguiu como superior do primeiro grupo missionário dessa Colónia.*

*P. António Joaquim Dias, P. Joaquim Pereira das Neves e António Nogueira da Cunha, missionários da Guiné desde março de 1934.*

# Colégios das Missões Franciscanas em 1933

*Colégio de Montariol, Braga* (Curso de Preparatórios)

Número de alunos. . . . . 181
Auxiliares em preparação . . . . 20

*Colégio de Varatojo* (Curso Superior)

Número de alunos. . . . . 28
Auxiliares em preparação . . . . 10

*Colégio de Caminha* (preparação de auxiliares do sexo feminino, das Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas).

Número de alunas. . . . . 50

*Colégios de Arcozelo (Barcelos), de Vilar do Pinheiro (Vila do Conde)* e *Santa Clara (Funchal)*, de formação de Irmãs auxiliares, pertencentes às Franciscanas Missionárias de Maria.

Número de alunas . . . . . 90

**NOTAS:**

Em Dezembro de 1910, os estudantes do curso superior foram recolhidos no Convictum Marianum que os franciscanos franceses possuem na Suíça e nos conventos alemãis de Dorsten e Paderborn. Para os alunos de preparatórios, arrendou-se uma casa em Tuy e em Outubro de 1911 abriu-se o ano lectivo com um pequeno grupo de antigos alunos. Mais tarde os franciscanos portugueses construíram, na mesma cidade de Tuy, casa própria, o colégio de Santo António, em que se instalou, em 1917, o curso de preparatórios, e onde, desde 1921 a 1928, se reüniram todos os estudos. Em 1924 freqüentavam preparatórios 75 alunos, 20 o curso superior. Para dar cumprimento ao parágrafo 2.º do artigo 10.º do Decreto n.º 12.485, de de 13 de Outubro de 1926, em que se estabelece que «as casas de formação subsidiadas pelo Estado só poderão funcionar em território português, sendo concedido o prazo de dois anos para o cumprimento completo desta disposição», os estudantes foram transferidos para Portugal, ficando em Montariol, Braga, o curso de preparatórios e em Varatojo o curso superior.

*Colégio de S. António em Tuy (Espanha). Foi o colégio de formação dos Missionários Franciscanos Portugueses desde 1917 até 1928.*

## Colégio de Montariol.

«O nome é derivado do burgo do Areal (Rua do Areal de Cima) nome muito antigo, pois já aparece em documentos de 1111, e em 1243 o Arcebispo de Braga D. Martinho Geraldes instituía o morgado de Montariol. O monte, por cuja falda nascente desce a quinta, era chamado pelos antigos Monte Calvêlo, e dividia com o Castro Máximo (hoje Monte de Castro) as terras de Dume das de Braga.

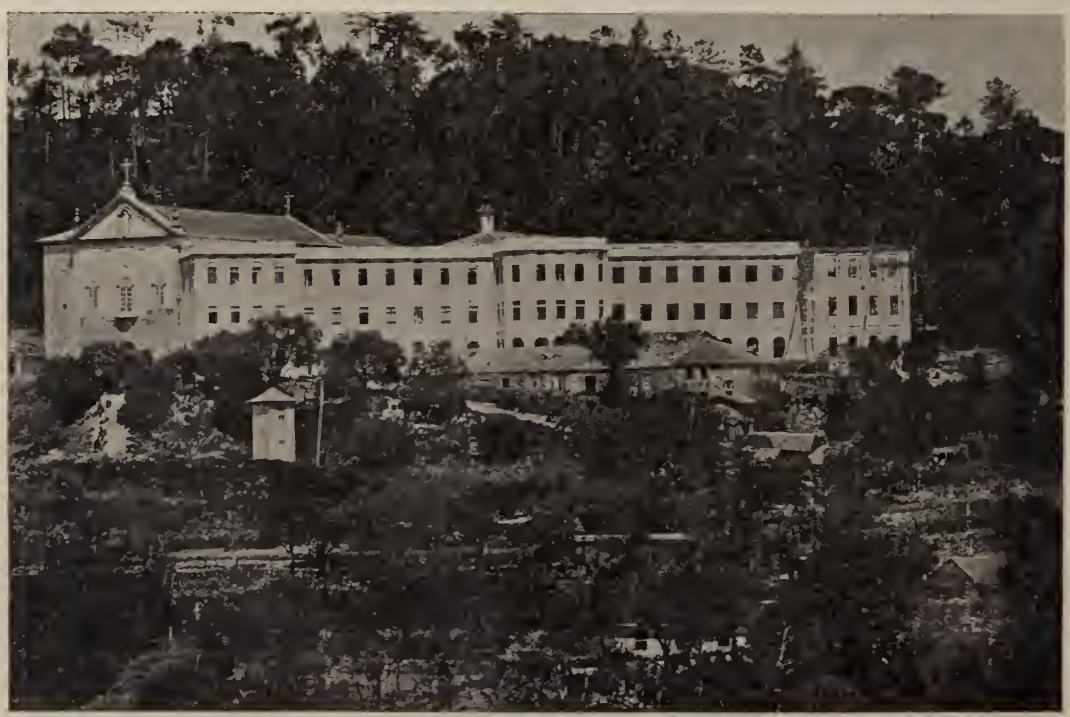
«Em 1562 compraram a quinta os Padres da Companhia de Jesus, e nela construíram, ao meio da encosta, uma casa confortável, tôda em abóbada de pedra, para servir de estância de recreio ao pessoal do seu Colégio da cidade de Braga, mais tarde Seminário de S. Pedro e S. Paulo, e actualmente quartel militar.

«Depois da extinção da Companhia de Jesus foram vendidas (casa e quinta) ao pai do Snr. Francisco Manuel da Costa (Visconde de Montariol), êste as houve por herança paterna, e as passou por testamento a Manuel Maria de Alpoim (Visconde de Negrelos).

«Foi o Visconde de Montariol que edificou, ao fundo da quinta, casas para sua habitação, com portão para a rua do Areal.» (1)

Posta em praça pela Companhia do Crédito Predial Portuguesa em 1890, a quinta de Montariol foi comprada pelo P. Domingos Sanches, então superior das casas franciscanas portuguesas. A escritura de venda foi assinada em Lisboa a 8 de Agôsto dêsse ano, sendo nela os franciscanos representados pelo P. Manuel Vasco de Sousa. Por morte dêste, herdou-a por testamento o P. Manuel de Seixas Almiro, que a vendeu, em 8 de Setembro de 1901, a Monsenhor Domingos José de Sousa, de Barcelos,

(1) P. Bartolomeu Ribeiro.



*Colégio de Montariol. — Edificio visto de frente*

e por morte dêste herdou-a por testamento, em 21 de Julho de 1914, o P. José Maria Gomes.

Em 5 de Maio de 1891, começaram os trabalhos do desatêrro para alicerces do templo e da casa dos estudantes e a 27 de Setembro imediato já se pôde lançar a primeira pedra, cerimónia que revestiu particular solenidade, assistindo o Arcebispo Primaz D. António de Freitas Honorato, alguns dignitários da Sé, o governador civil, que então era o Conselheiro Jerónimo Pimentel, e outros convidados.

As obras continuaram com grande actividade durante o govêrno do P. Domingos Sanches: em Novembro de 1893 já a casa dos estudantes abrigava 17, e as paredes do templo subiam acima dos arcos dos altares laterais. De 27 de Setembro de 1898 a 22 de Agôsto de 1903, concluíu-se a obra de pedreiro, fechou-se e estucou-se o tecto, ergueu-se a tribuna do altar mór, e aprontou-se o côro.

De 1903 a 1909, soalhou-se a nave do templo, ladrilhou-se a capela-mór e pintou-se o seu tecto, fizeram-se os dois púlpitos de magnífica talha, construíram-se os dois talhões que acompanhavam a igreja pelo lado poente e que eram destinados às reüniões da Juventude Antoniana e da Ordem Terceira, etc. Inaugurou-se o belo órgão de procedência austríaca, em 14 de Julho de 1904; e foi aberta com solenidade a igreja em 8 de Dezembro de 1908.

A enorme quantidade de madeira de castanho empregada no travejamento e caibramento do tecto, nas talhas, portas e côro, foi quási tôda obtida gratuitamente nos concelhos de Amares, Vila Verde e Moimenta de Terras de Bouro. Foram muitas as carreadas desta madeira, compostas de 20, 30 e 34 carros, organizadas festivamente, tendo algumas à chegada missa e sermão.

De todos êstes trabalhos restavam, depois de Outubro de 1910, as paredes da casa, e da igreja as paredes nuas com o tecto.

*Colégio de Montariol. — Professores e alunos*

A exclaustração de 1910 foi executada com manifesta benevolência e delicadeza por parte das autoridades de Braga.

No dia 6 de Outubro soube-se do triunfo da revolução republicana, dos seus intuitos anticongreganistas e do assalto e incêndio da nossa casa de Brancanes. No dia 8 foram distribuídas pelos sacerdotes as missas existentes, com a respectiva esmola, cabendo a cada um 60 missas, a 300 rs, único capital que os acompanhou. Feita pelo superior a relação das localidades para onde se dirigia o pessoal, começou pacatamente a dispersão no domingo, 9, pela manhã. Ficou em casa, para receber a intimação oficial, o superior, P. André de Araújo, o vigário, P. Bento de Oliveira, e o P. Pedro de Araújo, com a maior parte dos irmãos leigos e alguns irmãos terceiros.

O arrolamento e selagem da casa e suas dependências devia ter sido entre 10 e 12 do dito mês. Condescenderam as autoridades em que ficassem alguns irmãos e jornaleiros para acabar as colheitas e vindima, cuja propriedade nos reconheceram. A mobília da casa e as alfaias da igreja foram retiradas a tempo e com precaução, ficando, porém, grande parte da biblioteca, muitas peças do gabinete de física e de mecânica, por falta de edifícios apropriados à sua acomodação e arrumo. Parte desses objectos foram vandàlicamente tratados pela soldadesca, aquartelada na casa desde 1911 a 1913, e, desde esta data, pela populaça que entrava e saía livremente. O órgão desapareceu por completo: primeiramente o marfim dos teclados, depois os tubos de metal que eram vendidos a pêso, depois a talha da caixa, aos pedaços. A biblioteca foi transformada em montão de livros rasgados. Muitos livros foram dados pelos soldados a trôco de cigarros e canecas de vinho; o pouco que restava da biblioteca foi recolhido na biblioteca da cidade. O que ficara do gabinete de física foi recolhido no liceu de Braga, depois de 1915.

O proprietário (representante dos franciscanos), P. José Maria Gomes, requereu judicialmente o seu direito, sendo-lhe reconhecido pelo Supremo Tribunal de Justiça, em 1923. Tomou posse nesse ano da casa e quinta e suas dependências, entregando o cultivo a um caseiro da sua confiança.

*Os alunos que cursam a 6.ª classe de humanidades e ciências filosóficas com o prefeito, P. Carlos da Silva Azeredo, missionário nomeado que embarcará para Moçambique em Junho dêste ano.*

Em 1927 fizeram-se várias adaptações do vasto corpo da igreja para instalação provisória do colégio de preparatórios que aí devia funcionar, transferido de Tuy, no próximo ano lectivo de 1928-1929.

Em princípios de Janeiro de 1928 começou-se com grande actividade a construção do novo colégio, com planta diferente e maiores proporções que as do antigo edifício, que estava reduzido a um cúmulo de ruínas, de que apenas se conseguiu aproveitar alguma pedra. A capacidade do novo colégio está calculada para uns duzentos e cinqüenta a trezentos moradores.

Pela festa da Imaculada Conceição, em 1932, a igreja foi restituída ao culto. Nesta data as obras e instalações do colégio estavam quási terminadas.

*Colégio de Varatojo visto do nascente*

## Colégio de Varatojo.

Por efeito do Decreto do Govêrno Provisório da República, de 8 de Outubro de 1910, o antigo convento franciscano de Varatojo foi incorporado nos Bens Nacionais e dispersa a comunidade religiosa que nele residia. Em 15 de Outubro de 1928 foi cedido às missões franciscanas, pelo Decreto n.º 16.036, redigido nos seguintes termos: «Repartição Autónoma de Justiça e Cultos. Decreto n.º 16.036.

«Tendo surgido dificuldades para a execução do decreto n.º 15.928, que cede a favor do Ministério das Colónias para formação do pessoal das missões portuguesas, o extinto Convento de Santa Clara de Coimbra, visto o referido edifício continuar a ser necessário para outros serviços públicos, não se verificando assim a hipótese da disponibilidade de bens do Estado prevista para êstes fins no artigo 11.º do decreto n.º 12.485, de 13 de Outubro de 1926;

«Considerando porém que subsistem os fundamentos que justificaram a cessão dum edifício do Estado em favor das missões nacionais para o fim exclusivo do funcionamento de suas casas de formação do pessoal, estando a terminar em breves dias o prazo concedido pelo decreto n.º 12.485 para o funcionamento, em território português, de todos os colégios de preparação dos missionários coloniais subsidiados pelo Estado;

«Atendendo à necessidade de fortalecer a obra missionária ultramarina com elementos nacionais e visto o disposto nos artigos 10.º e 11.º e seus parágrafos do citado decreto n.º 12.485;

«Usando da faculdade que me confere o n.º 2.º do artigo 2.º do decreto n.º 12.740, de 26 de Novembro de 1926, por fôrça do disposto no artigo 1.º do decreto

n.º 15.331, de 9 de Abril de 1928, sob proposta dos Ministros do Interior, da Guerra e das Colónias:

«Hei por bem decretar o seguinte:

«Artigo 1.º — É cedido a favor do Ministério das Colónias, para ser entregue ao colégio de formação do pessoal das missões franciscanas portuguesas e para serviço das suas missões coloniais, o extinto convento do Varatojo e a cêrca anexa e tôdas as suas dependências, situado no concelho de Tôrres Vedras.

«§ único. — A cessão é feita gratuitamente, nos termos do artigo 11.º do citado decreto n.º 12.485, revertendo em qualquer tempo o edifício e dependências para a Fazenda Pública, quando não tenham a aplicação a que foram destinados.

«Art.º 2.º — É considerado como não existente desde a data da sua publicação o decreto n.º 15.928, de 5 de Setembro de 1928.

«Art.º 3.º — Fica revogada a legislação em contrário.

«O Presidente do Ministério e Ministro do Interior, os Ministros da Guerra e das Colónias assim o tenham entendido e façam executar. Paços do Govêrno da República, 15 de Outubro de 1928. — António Óscar de Fragoso Carmona — José Vicente de Freitas — Júlio Ernesto de Morais Sarmento — José Bacelar Bebiano.»

Depois da exclaustração de 1834, foi o convento de Varatojo arrematado em asta pública pelo Visconde da Tôrre de Moncorvo, em 8 de Fevereiro de 1845, passando por sucessão a seu filho o Conde-Barão da Tôrre de Moncorvo, residente em Benfica, em Dezembro de 1860. A 24 do mesmo mês foi vendido por êste e pelo preço das partilhas, (3.400$000 rs.) ao antigo varatojano, P. Joaquim do Espírito Santo, que então residia no Mosteiro do Sacramento em Alcântara.

A 7 de Fevereiro do ano seguinte foi ocupado por alguns dos antigos habitantes.

Até 1910 fizeram-se as obras seguintes: a escola masculina de primeiras letras, pouco depois da reabertura do convento; na igreja, a colocação do altar-mór, de mármore, a capela lateral destinada ao Santíssimo, com seu altar de urna de mármore preto e toalha de mármore branco, ambas as obras trabalhadas pelo nosso canteiro marmorista Frei José das Dores, entre 1883 e 1887; o altar do Senhor Morto e a pintura do tecto da nave, a qual tem a era de 1895. No corpo do antigo edifício também se fizeram aumentos:

*Colégio de Varatojo visto do poente*

a capela de Nossa Senhora de Lourdes, construída no sótão do corredor do antigo noviciado, em 1905; o segundo andar do corredor grande, (nascente-poente), destinado à ampliação dos aposento do noviciado e a hospedaria, obra feita de 1904 a 1905; a nova escola levantada no local da antiga, concluída em 1908; e no mesmo ano a capela de S. José, erecta ao lado esquerdo das escadas que sobem das varandas dos claustros para a tôrre do templo.

*Seminaristas de Varatojo com o M. Rev. P. António Ribeiro*

A exclaustração de 1910 efectuou-se sem violências físicas e sem desacatos pessoais.

A manifesta benevolência das autoridades administrativas locais e a reverência que o público votava a êste antigo cenóbio permitiram que a comunidade — 8 sacerdotes, 5 leigos professos, 4 leigos noviços e alguns irmãos terceiros — dispersasse até ao dia 7 de Outubro. Ficou no convento o seu vigário, P. David das Neves, com um irmão leigo para fazer entrega das chaves, o que se realizou às cinco horas da tarde do dia 11.

Depois de 1911 foi o convento adaptado a asilo de velhas e o culto da igreja entregue, depois de 1918, a uma irmandade de Santo António, criada nesse ano.

Logo que a igreja foi entregue à irmandade de Santo António, taparam-se, a pedra e cal, tôdas as comunicações com o então Asilo Latino Coelho.

A 2 de Março de 1928 saíram as internadas para o Asilo Elias Garcia, situado no lugar do Barro, no antigo convento da Companhia de Jesus, a meia légua e a sul de Tôrres Vedras.

O convento de Varatojo ficou ainda entregue ao mesmo director, até à data em que saiu o Decreto (15 de Outubro de 1928), que no-lo concedia.

Tomou posse dêste edifício, a 26 do mesmo mês em que saiu o decreto, na Câmara Municipal de Tôrres Vedras, o P. Manuel Alves Correia, em nome das Missões Franciscanas Portuguesas.

A 24 de Novembro, do mesmo ano, começava nesta casa a actividade escolar, com 16 estudantes teólogos, vindos de Tuy, e 3 professores.

## MISSÕES FRANCISCANAS

### Conspecto cronológico e situação actual

De 1898 a 1910. Fundaram-se: — Missões centrais. 4. — Sucursais, 12. — Escolas, 17. — Internatos, 4. — Número de alunos (em 1910), 2.000. — Pessoal missionário (em 1910): Missionários, 10. — Irmãos auxiliares, 7. — Irmãs auxiliares, 10.

De 1910 a 1920. A situação missionária mantém-se aproximadamente como era em 1910.

1921. Missões centrais, 6. — Sucursais, 6. — Escolas, 12. — Internatos, 1. — Alunos, 1.800. — Missionários, 10. — Irmãos auxiliares, 7. — Irmãs auxiliares, 12.

1922. Quási a mesma estatística.

| Anos | Missões centrais | Sucursais | Escolas | Internatos | Alunos | Pessoal Missionário |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1923 | 7 | 36 | 43 | 2 | 2.400 | 42 |
| 1924 | 7 | 40 | 50 | 2 | 3.600 | 42 |
| 1925 | 7 | 43 | 60 | 2 | 4.000 | 44 |
| 1926 | 7 | 50 | 75 | 2 | 7.000 | 44 |
| 1927 | 7 | 48 | 75 | 2 | 7.000 | 44 |
| 1928 | 7 | 48 | 75 | 2 | 7.000 | 52 |
| 1929 | 7 | 50 | 75 | 2 | 6.800 | 62 |
| 1930 | 7 | 50 | 60 | 2 | 6.800 | 68 |
| 1931 | 8 | 50 | 60 | 4 | 6.800 | 78 |
| 1932 | 10 | 50 | 59 | 4 | 6.176 | 84 (1) |
| 1933 | 10 | 62 | 80 | 6 | 7.000 | 84 |
| 1934 | 10 | 70 | 115 | 8 | 11.400 | 89 |

(1) Compreendendo as Irmãs auxiliares que fazem serviço na Munhuana e Lhanguene, em Lourenço Marques.

## COLÉGIOS DE FORMAÇÃO

### Conspecto cronológico e situação actual

| Anos lectivos | (Para missionários) Número de alunos | Em preparação para auxiliares (Irmãos) Número de alunos | Em preparação para auxiliares (Irmãs) Número de alunas |
|---|---|---|---|
| 1923-1924 | 65 | 16 | — |
| 1924-1925 | 70 | 14 | — |
| 1925-1926 | 107 | 12 | — |
| 1926-1927 | 120 | 19 | 40 |
| 1927-1928 | 120 | 20 | 40 |
| 1928-1929 | 150 | 23 | 50 |
| 1929-1930 | 160 | 23 | 80 |
| 1930-1931 | 180 | 25 | 88 |
| 1931-1932 | 200 | 24 | 90 |
| 1932-1933 | 209 | 30 | 100 |
| 1933-1934 | 219 | 32 | 120 |

*Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas — Grupo de professoras e alunas do Colégio de Caminha*

*Franciscanas Missionárias de Maria. — Colégio de S. Clara de formação missionária (Madeira)*

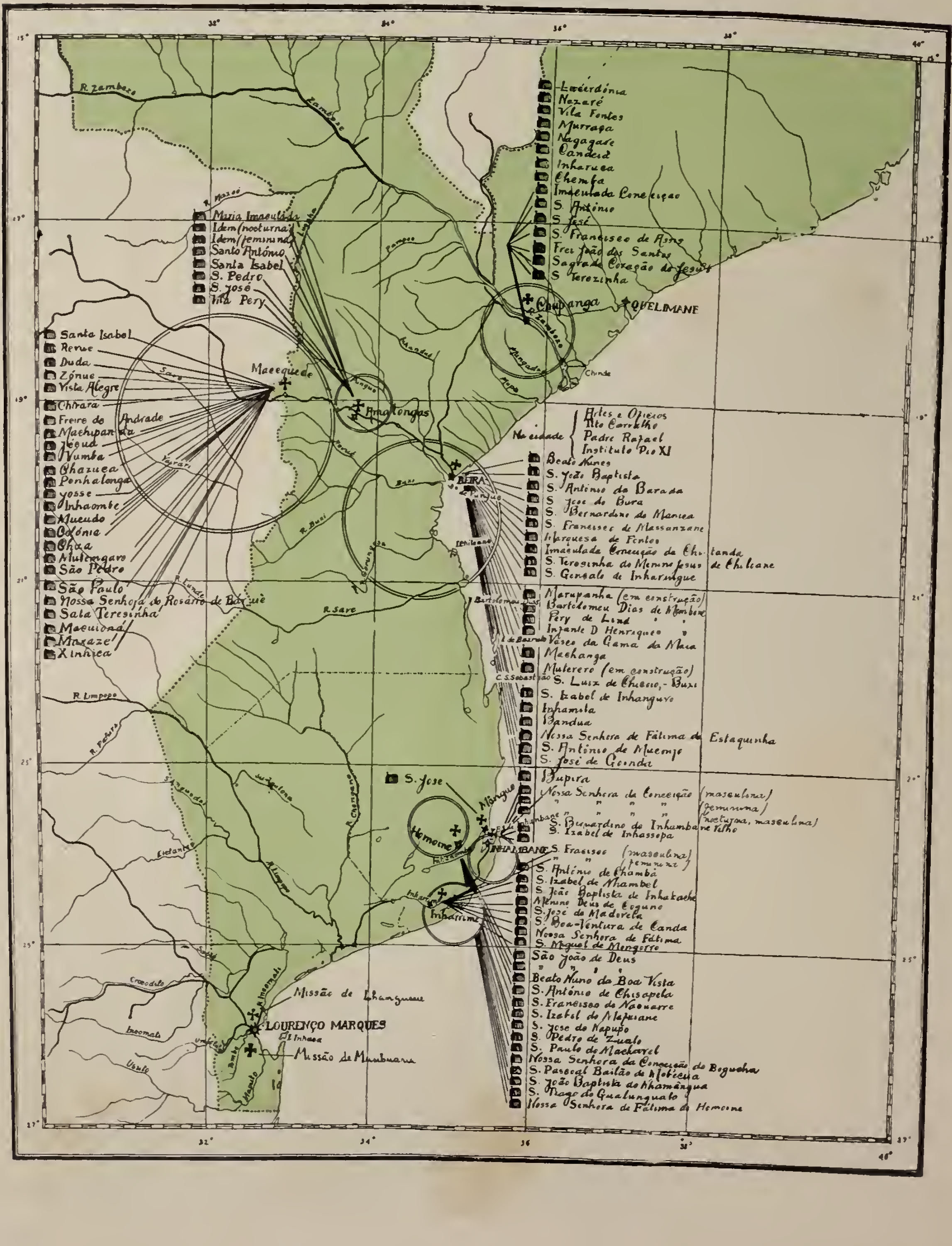
*Franciscanas Missionárias de Maria. — Alunas e professoras do Colégio de formação missionária de Vilar do Pinheiro (Vila do Conde).*

*Franciscanas Missionárias de Maria. — Colégio Missionário Ultramarino de Arcozelo (Barcelos).*

*Franciscanas Missionárias de Maria. — Colégio Missionário Ultramarino de Arcozelo (Barcelos).*

# Mapa das Missões Franciscanas de Moçambique

As Missões vão indicadas por uma cruz. Ao lado de cada Missão vai a lista das suas escolas.



*Edifícios da Missão da Beira*

# Missão da Beira

A primeira missão franciscana da África Portuguesa, organizada depois da extinção das Ordens religiosas de 1834, estabeleceu-se na Beira em 1898.

Formaram êste grupo missionário os padres António de Santa Maria Correia (superior); Rafael Maria da Assunção (o actual Bispo de Augusta e Prelado de Moçambique); José Rolim e os auxiliares Salvador Franqueira, Daniel de Almeida e e Serafim Felisberto Ribeiro.

Desde logo a Missão ficou incumbida dos serviços da escola, paróquia e assistência religiosa do hospital. Em 1904 abriu uma escola gratuita para os soldados europeus da guarnição. Em 1905 foi principiada a escola de Artes e Ofícios para educação e instrução de rapazes indígenas. À chegada dos missionários servia de templo, nas funções paroquiais, uma pequena capela de madeira e zinco, construída pela guarnição militar e dedicada a S. João Baptista. Os missionários entenderam que uma das primeiras necessidades religiosas era a edificação duma igreja. Em 25 de Janeiro de 1900 procedeu-se à cerimónia da colocação da primeira pedra. Abriram-se os caboucos, lançaram-se os alicerces e, por então, suspenderam-se as obras, porque todos os recursos disponíveis eram absorvidos pela Escola de Artes e Ofícios. Entretanto, o P. Rafael ia reservando alguma coisa — os vencimento dos missionários, solicitava os auxílios das pessoas que os podiam prestar, promovia *quermesses,* no intuito persistente de continuar as obras da igreja, que de facto foram retomadas a intervalos e vagarosamente: quando, eleito Bispo titular de Augusta e Prelado de Moçambique, D. Rafael saía da Beira para vir sagrar-se à Metrópole, estavam concluídas as paredes das duas sacristias e quási terminados os trabalhos de pedreiro no

corpo da da igreja. O P. Pedro de Araújo, que substituíu o P. Rafael no govêrno da Missão, obteve do Alto Comissário, Sr. Dr. Brito Camacho, um subsídio importante; e, com êste e outros auxílios de pessoas amigas, conseguiu levar a igreja a seu termo em 1924. Para o superior seguinte, P. António Ribeiro, ficou o dar os últimos retoques, colocar o altar-mór, púlpito e material decorativo, enviados da Europa.

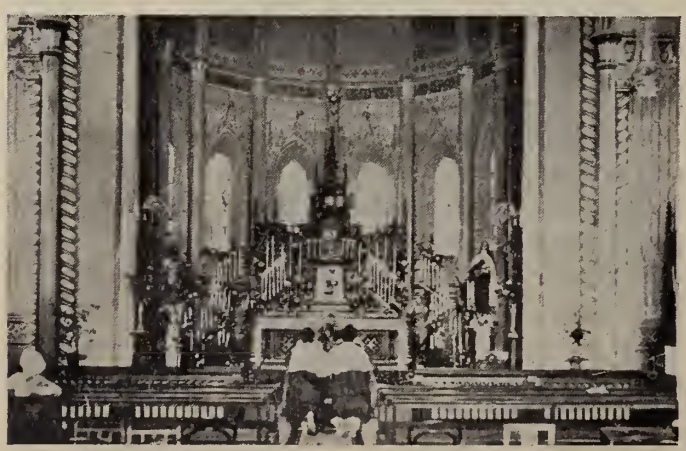
D. Rafael benzeu a nova igreja em 15 de Agôsto de 1925. Prolongaram-se por oito dias as festas da inauguração, que foram brilhantíssimas.

«Nem tôdas as missões têm igrejas. Há missões com boas igrejas e outras com pequenas; umas são de alvenaria e outras de madeira e zinco. Há ainda missões que se servem das escolas ou de outros aposentos para os actos religiosos. Há igrejas modernas e outras antigas; destas, umas de pé e algumas em ruínas. As melhores igrejas de hoje, construídas em sólida alvenaria, são as da Missão de S. José de Boroma e a da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário da Beira». (D. Rafael, Relatório de 1930).

Primitivamente a Escola de Artes e Ofícios era um internato de alguns rapazes que os missionários abrigavam nas dependências da residência, situada em Ponta Gea. Um dos pavilhões, onde agora funciona, foi inaugurado em 1907, por ocasião da visita do Príncipe Real D. Luís Filipe. O actual dormitório concluíu-se mais tarde. Durante algum tempo os alunos iam pernoitar na antiga residência de Ponta Gea.

Os novos dormitórios foram inaugurados em 4 de Outubro de 1929 e o refeitório em 4 de Dezembro do mesmo ano. A parte que restava do plano das obras — a conclusão interna de um pavilhão da Escola e a construção de outro para carpintaria e serralharia — ficaria terminada nesse ano e seguinte, se não fôsse o grave desastre causado pelo ciclone de 1 para 2 de Fevereiro do mesmo ano de 1929: todo o primeiro andar, já coberto, ruíu numa extensão de 33 metros. O trabalho das construções prolongou-se ainda por 1930. Em 1929 a Escola de Artes e Ofícios internava 80 alunos; 94, em 1931.

Além do internato, os missionários franciscanos têm na Beira a escola nocturna «Padre Rafael», cuja freqüência nos últimos anos tem sido de 680 alunos; escola Tito de Carvalho com uma média de 130. Há outras escolas espalhadas pela região: Santo António, em Sofala, com 30 alunos; S. Bernardino (Sofala), com 56; S. José (Sofala), com 32; S. Francisco (Sofala), com 43; Marquesa de Fontes (Sofala), com 64; Santa Teresa do Menino Jesus (Chiloane), com 104; Santo António (Búzi), com 79; N. S. de Fátima (Búzi), com 48; S. José (Moribane), com 52; Beato Nuno (Manga), com 138.



*Altar-mór da Igreja da Missão da Beira*

As escolas femininas da Beira estão a cargo das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria. — «Instituto Pio X» (internato), com 20 alunas; «Oliveira Martins», escola mixta, com 160 alunas.

A Escola de Artes e Ofícios tem uma banda de música. Publica um pequeno semanário — *Missão Africana*.

*Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Missão da Beira*

*Panoramas dos arredores da Beira*

*Edificios da missão vistos de aeroplano.*

## Movimento religioso e escolar da Missão da Beira de 1898 a 1930

| Ano | Escolas | Alunos | Freq. med. | Baptismos | Matrim. | Confissões | Comunhões |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1898 | 2 | 52 | 10 | 57 | 6 | 122 | 804 |
| 1899 | 2 | 24 | 14 | 40 | 5 | ... | ... |
| 1900 | 2 | 21 | 14 | 52 | 2 | ... | ... |
| 1901 | 2 | 49 | 26 | 133 | 1 | 206 | 725 |
| 1902 | 2 | 108 | 52 | 125 | 1 | 755 | 3018 |
| 1903 | 2 | 113 | 77 | 80 | 4 | 757 | 4972 |
| 1904 | 2 | 123 | 103 | 131 | 4 | 953 | 3670 |
| 1905 | 2 | 92 | 70 | 75 | 1 | 1408 | 3089 |
| 1906 | 2 | 110 | 102 | 86 | 2 | 1030 | 3420 |
| 1907 | 2 | 109 | 70 | 40 | 6 | 970 | 4232 |
| 1908 | 2 | 203 | 192 | 58 | 3 | 689 | 3346 |
| 1909 | 4 | 180 | 137 | 44 | 5 | 490 | 3224 |
| 1910 | 4 | 181 | 118 | 76 | 3 | 481 | 1904 |
| 1911 | 3 | 165 | 152 | 56 | 7 | 472 | 2129 |
| 1912 | 3 | 168 | 152 | 39 | 4 | 491 | 2305 |
| 1913 | 3 | 175 | 164 | 35 | 2 | 425 | 1811 |
| 1914 | 3 | 230 | 168 | 58 | 1 | 887 | 2562 |
| 1915 | 3 | 295 | 231 | 71 | 3 | 1664 | 4344 |
| 1916 | 3 | 349 | 336 | 111 | 3 | 2282 | 4814 |
| 1917 | 3 | 500 | 358 | 117 | 5 | 2126 | 5464 |
| 1918 | 3 | 571 | 318 | 63 | 1 | 2839 | 6614 |
| 1919 | 3 | 432 | 358 | 67 | 4 | 3638 | 8524 |
| 1920 | 3 | 471 | 361 | 66 | 6 | 4467 | 1016 |
| 1921 | 4 | 602 | 503 | 128 | 14 | 4459 | 13674 |
| 1922 | 5 | 1516 | 731 | 176 | 30 | 4184 | 14299 |
| 1923 | 6 | 1267 | 678 | 141 | 10 | 4250 | 14350 |
| 1924 | 5 | 889 | 517 | 115 | 12 | 4560 | 14530 |
| 1925 | 6 | 1137 | 947 | 118 | 16 | 5870 | 14900 |
| 1926 | 8 | 1204 | 982 | 149 | 12 | 6250 | 15000 |
| 1927 | 11 | 2202 | 1634 | 171 | 15 | 6561 | 15867 |
| 1928 | 11 | 2241 | 1642 | 146 | 19 | 6781 | 16282 |
| 1929 | 14 | 3312 | 1100 | 348 | 26 | 7644 | 17791 |
| 1930 | 15 | 3150 | 941 | 357 | 25 | 7700 | 17802 |

*O missionário embarca para a visita de inspecção às escolas da beira-mar, nos territórios de Sofala e Chiloane.*

*Um missionário da Beira de visita às escolas sucursais. Algumas destas moram a muitas dezenas de kilómetros da sede da missão.*

*Escola sucursal da Manga.*

*Escola sucursal em construção*

## Movimento escolar em 1931

| Escolas | Sede | Datas da fundação | Alunos matriculados | Média da freqüência |
|---|---|---|---|---|
| Artes e Oficíos. . | Beira | 1905 | 94 | 92 |
| Tito de Carvalho . | » | 1898 | 109 | 57 |
| P.e Rafael . . . | » | 1921 | 1627 | 140 |
| Instituto Pio X. . | » | 1902 | 92 | 62 |
| Oliveira Martins . | » | 1902 | 186 | 124 |
| S.to António. . . | Barada | 1926 | 29 | 19 |
| S. José . . . . | Bura | 1926 | 33 | 20 |
| S. Bernardino . . | Manica | 1926 | 30 | 40 |
| Marquesa de Fontes | Sofala Danga | 1928 | 51 | 22 |
| Beato Nuno. . . | Manga | 1928 | 94 | 43 |
| S. Teresa de Jesus | Chiloane | 1928 | 94 | 76 |
| S. Francisco de Assis. . . . | Massanzane | 1929 | 25 | 17 |
| S.to António. . . | Muconjo | 1930 | 85 | 24 |
| N. S. Fátima. . . | Estaquinha | 1930 | 35 | 21 |
| S. José . . . . | Goonda | 1930 | 121 | 74 |
| Imaculada Conceiç. | Chitanda | 1931 | 67 | 47 |
| S. José . . . . | Manga-Loforte | 1931 | 118 | 62 |

*Alunos da Missão da Beira apresentados a exame em 1931*

## Movimento Religioso em 1930

| | |
|---|---|
| Baptismos de crianças. . . . . | 170 |
| » » adultos. . . . . | 115 |
| Matrimónios. . . . . | 23 |
| Óbitos. . . . . | 24 |
| Confissões . . . . . | 8172 |
| Comunhões . . . . . | 17232 |

*Um missionário da Beira visita o cemitério da antiga Paróquia de Chiloane*

*Professores-catequistas da missão sucursal da Barada.*

## Actividade dos últimos anos

De 1927 a 1933 houve nesta Missão de Nossa Senhora do Rosário da Beira 1.595 baptismos, 129 matrimónios, 47.521 confissões, 104.423 comunhões, 28.251 lições de catequese.

Em 1927 foi a igreja paroquial completada com dois altares laterais; em 1928 foi levantado o magnífico carrilhão; em 1929 foi a igreja ornada de boas pinturas, trabalho feito com grande esmêro de arte pelas Franciscanas Missionárias de Maria.

*Escolas.* — Em 1927 havia 11 escolas. Em 1928 fundaram-se as escolas de Beato Nuno, da Manga; e Santa Teresa do Menino Jesus, de Chiloane. Em 1929 a escola de S. Francisco de Assis de Massanzane. Em 1930 criaram-se as escolas de Nossa Senhora de Fátima, da Estaquinha; Santo António do Muconjo; S. José de Goonda. Em 1931 a escola da Imaculada Conceição, de Chitanda; S. João Baptista, da Manga Loforte. Em 1932 a escola de S. Gonçalo, de Inhanguvo; S. Luís, do Chicoio; Bartolomeu Dias, de Mambone; Vasco da Gama, no Quiteve; e Santa Isabel, no Inhanguvo. Em 1933 inauguram-se duas escolas em Mambone e uma no Búzi.

Nestas escolas recebem instrução religiosa, anualmente, mais de 3.000 crianças. Neste período (1927-1933) o número de alunos foi de 16.800. A mais dos alunos matriculados, passam pelas escolas outros que, por sua pouca assiduïdade, não chegam a ser matriculados; aproveitam, contudo, alguma coisa. Em quási tôdas as escolas se fazem curativos a adultos e a crianças. A média de curativos por ano deve andar entre 10 e 12.000. À catequese dos domingos, principalmente destinada às crianças, são também admitidos homens e mulheres. Por parte dos adultos não se nota aproveitamento sensível; em todo o caso, alguma coisa lhes ficará.

Últimamente a Companhia de Moçambique confiou aos missionários (actualmente todos franciscanos) a direcção das escolas em todos os seus territórios.

Neste período (1927-1933) a Escola de Artes e Ofícios foi ampliada com dois pavilhões, destinados a oficinas, dormitórios, etc. A carpintaria foi apetrechada de máquinas modernas. Está pronta a funcionar uma olaria na Manga Loforte, arrabaldes da cidade. Esta oficina será de grande utilidade para os indígenas, que por enquanto fabricam os seus utensílios de barro de um modo infra-primitivo. (Dados fornecidos pelo Rev. P. Martinho).

*Escoteiros da Missão da Beira que formam os grupos n.º 50 e 64 e a Alcateia de Nossa Senhora de Fátima, do Corpo Nacional de* Scouts.

*P. Martinho da Rocha Barbosa, Superior da missão da Beira, com dois leprosos, em terras de Chiloane.*

*Alunos da escola sucursal da Barada, com o auxiliar Domingos Alves.*

*Baptismo solene de adultos, na igreja da Missão da Beira, em 1929, por ocasião da visita do P. Cipriano do Vale, então Superior dos Franciscanos Portugueses.*

## Notas diversas sôbre a Missão da Beira

*Inauguração da Escola de Artes e Ofícios,* por ocasião da visita do Príncipe Real à cidade da Beira, em Agôsto de 1907, segundo uma correspondência missionária daquela época. — Às 10 horas da manhã do dia 4 de Agôsto, fundeava o «África» no pôrto da Beira, embandeirado em arco, conduzindo a bordo Sua Alteza Real. A artilharia salvou e a nossa banda de música rompeu num entusiástico *ordinário*, anunciando a chegada.

Às duas horas da tarde efectuou-se o desembarque, seguindo S. A. à residência do Governador da Companhia. Às 3 recebeu os cumprimentos de todos os funcionários da Companhia. Às 4 assistiu ao lançamento, ou antes lançou a primeira pedra do edifício do Tribunal.

Às 5 inaugurou solenemente o novo edifício da nossa escola. Acompanhado o Príncipe Real de tôda a comitiva (Governador Geral da Província, Governador da Companhia de Moçambique, Bispo, autoridades locais e muitos assistentes) subiu a soberba escada do nosso edifício até à sala principal, lindamente adornada. Leu-se o auto da inauguração, que é do teor seguinte:

«Aos quatro dias do mês de Agôsto do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil novecentos e sete, nesta Cidade da Beira e Avenida D. Carlos, [1] Sua Alteza Real o Príncipe D. Luís Filipe dignou-se proceder à inauguração do novo edifício desta Escola, fundada e edificada pela Associação Missionária Portuguesa, [2] para o ensino de Artes e Ofícios.

---

[1] Aliás, Avenida de D. Amélia; hoje, Avenida da República.

[2] Designação *oficial*, ao tempo, do grupo dos Missionários Franciscanos Portugueses.

*Escola de Artes e Ofícios da Missão da Beira*

*Alunos da Escola de Artes e Ofícios da Missão da Beira.*

«Assistiram também a êste acto Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Sienne e Prelado de Moçambique, D. Francisco Ferreira da Silva; Sua Excelência o Senhor Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar, conselheiro Ayres de Ornelas e Vasconcelos, Capitão do Estado Maior; Sua Excelência o Senhor Governador Geral da Província de Moçambique, conselheiro Alfredo Augusto Freire de Andrade, Major do Estado Maior de Engenharia; Sua Excelência o Governador do Território de Manica e Sofala, Alberto Celestino Ferreira Pinto Basto, Capitão-Tenente da Armada Real.

«E para que a todo tempo conste, se lavrou êste auto, que vai ser assinado por Sua Alteza Real e mais assistentes, depois de lido em voz alta por mim, Padre Rafael Maria da Assunção, Director da Associação Missionária Portuguesa na África Oriental, que também o assino». Seguem as assinaturas.

Acto contínuo, foi servida uma taça de champagne à comitiva do Principe.

Em seguida um aluno leu um pequeno discurso de boas vindas, oferecendo a Sua Alteza uma almofada que ostentava em aguarela um menino preto trabalhando, e as alunas do Instituto Pio X outra que representava uma menina preta: ambas as ofertas são lavores das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria.

Sua Alteza visitou tôda a casa, da qual levou, ao que parece, boas impressões.

Às 7 horas realizou-se o jantar na Residência e às 10 horas da noite embarcou para Moçambique no «África» o régio hóspede e nós ficámos na casa nova da nossa Escola, que será para bem desta pobre gente.

*Missão da Beira.— Os alunos da Escola de Artes e Ofícios em exercício de ginástica.*

*Oficina de alfaiataria da Escola de Artes e Ofícios.*

*Oficina de tipografia e encadernação da mesma Escola.*

## A Banda da Missão

«Consta hoje de 17 figuras e brevemente serão 20 músicos. O seu regente, o nosso amigo José dos Santos Silva, empregado da Companhia de Moçambique, foi quem, à fôrça de paciência e constância, poliu aquela massa bruta, acostumada aos gritos desafinados e horripilantes dos batuques, amoldando-a aos suaves tons da música.

«O preto, em geral, não é inhábil nem avêsso à música; pelo contrário, tem inclinação innata para ela. Falta educá-lo também neste particular.

«Foi o alvo a que mirava o nosso amigo Santos e alcançou-o. Hoje a Banda toca em público com geral agrado e até admiração de muitos que julgam o preto incapaz de civilização e educação. Tem um bom reportório, para o que concorre o

*Banda da Missão da Beira.*

trabalho assíduo e consciencioso do mestre dos alunos, indiano, que traslada as partituras e ensina a executar com perfeição cada uma das suas partes.

«Tudo isto representa muito trabalho e muitos sacrifícios».

Isto era em 1907. Hoje, claro, está muito melhorada quanto ao número, fardamento, garbo das figuras; quanto a instrumental, reportório e afinação: está excelente a todos os respeitos.

**A Banda numa célebre excursão a Sofala.** — Numa *correspondência missionária,* de Agôsto de 1906, o missionário que capitaneava a excursão, narra assim êxito e incidentes:

«No intuito de dar um passeio recreativo aos alunos da Escola de Artes e Ofícios da Beira, embarquei numa lancha, acompanhado por 17 rapazes com a respectiva charanga, seguindo caminho de Sofala. Levantámos ferro às 7 horas da manhã. Impelidos pelo vento de terra, velejámos regularmente até às 10 horas, com espe-

rança de chegar ao meio dia a Sofala; o vento, porém, que nestas alturas costuma ser traiçoeiro, desta vez abandonou-nos totalmente, formando-se uma calmaria fastidiosa que nos obrigou a estacionar, em pleno oceano, durante 4 horas, expostos aos raios faïscantes do sol e sujeitos ao embalo tedioso das vagas.

«É, sem dúvida, o tempo mais aborrecido de uma viagem, principalmente quando se vai acompanhado de crianças sempre atreitas ao enjoo, como sucedeu aos nossos pequenos que, após uma hora de navegação, todos jaziam prostrados no fundo da barca, não obstante os meus osforços em os animar a tocar música para se distraírem.

«Por volta das duas horas da tarde, começou a soprar o vento sul, que é o dominante nestas paragens e a breve trecho a nossa barquinha singrava por êsse mar fora, com a rapidez de peixe voador, até alturas da antiga vila de Sofala, onde abordámos a terra, para visitar a célebre fortaleza, monumento pátrio de há quatro séculos, prestes a desaparecer completamente pela contínua corrosão do mar e pelo abandôno a que foi votado, depois que deixou de ser útil, como defesa contra as correrias dos vátuas do Gungunhana.

«Mais alguns anos ainda e o forte de Sofala será um montão de ruínas; não ficará pedra sôbre pedra dêsse baluarte invencível, dessa preciosa relíquia das nossas conquistas. Últimamente foi entregue pelo Govêrno à Companhia de Moçambique, que vai reconstruir a tôrre de menagem, num local mais sólido e tem recolhido para museus as coisas de maior valor, como eram as peças, as inscrições e as pedras que têm algum trabalho artístico. Querer reconstruir a fortaleza no mesmo local em que está, seria tentar o impossível, porque o mar tem inundado tudo em volta da antiga construção.

«Realmente faz pena ver aniqüilar um dos mais célebres monumentos das nossas colónias, tanto pela grandeza da obra que comportava milhares de pessoas que ali se refugiavam, com seus gados, no tempo das guerras e que era simultâneamente igreja, caserna, escola e praça, como por ter mantido o domínio português nas terras de Ofir, como lhes chamam os historiadores, através de quatro séculos. No local da antiga vila de Sofala há apenas um obelisco de data recente e duas palhotas de pretos. Nada mais resta dêsse empório do comércio africano, cuja origem se perde na noite dos tempos. Para avaliarmos, dalguma sorte, a época em que começaram as relações comerciais entre a Costa de África e a Ásia, vou citar algumas palavras do precioso opúsculo do Sr. Ayres de Ornelas, — *As Raças e Línguas Indígenas em Moçambique.* — «Hoje é fora de dúvida, diz o citado escritor, que êsse Ofir onde as frotas de Salomão iam buscar oiro, era a parte da costa oriental da África, a região de Monomotapa, cujo pôrto era Sofala.»

*Orfeão da Escola de Artes e Ofícios da Missão da Beira.*

«Passemos adiante e vejamos o que é a vila nova de Sofala e o progresso que tem havido nos últimos 10 anos.

«Içámos a vela e entrámos barra dentro, começando logo a divisar as gigantescas palmeiras que sombreiam as casas, dando um realce pitoresco à nova povoação. Chegados ao Comando, fomos recebidos pelo Sr. Lisboa, digno Chefe e representante da Companhia de Moçambique, nas terras de Sofala. Sua Ex.ª foi duma amabilidade inexcedível durante 8 dias que lá nos demorámos, fornecendo-nos casa, comida, e meios de transporte, tanto a mim como aos pequenos que me acompanhavam.

*Alunos da escola nocturna «P. Rafael».*

«A notícia da nossa chegada transmitiu-se ràpidamente por tôdas as povoações indígenas. A música entusiasmava muito os rapazes e era de grande admiração para os velhos. Parecia-lhes impossível que os filhos da terra fôssem capazes de tocar outra coisa que não fôsse o batuque horrìvelmente estrondoso. Por fim todos os rapazes queriam vir para a Beira aprender música; vieram sòmente cinco, por não haver lugar para mais.

«Durante a minha estada em Sofala, baptizei 32 crianças, tôdas filhas de pais cristãos, e mais teria baptizado se não mostrasse dificuldade em admitir os filhos dos gentios que se apresentavam, não induzidos por motivo de religião, mas baseados na suposição de que, em sendo baptizados, ficam *musungos*, isto é, *senhores brancos*.

«Em todo o território de Sofala há mais de mil cristãos que continuam a aumentar à sombra das palmeiras, sem terem quem lhes ensine que o trabalho nobilita o homem e a ociosidade é a origem de todos os vícios; sem terem quem os ensine a serem homens de bem, respeitadores da autoridade e cristãos fervorosos no cumprimento dos seus deveres. Encontram-se alguns que ainda sabem o catecismo, mas êsses são poucos; a maioria não sabe fazer o sinal da Cruz. Muitas vezes me preguntavam porque não havia padre em Sofala, a que eu respondia que em breve para lá iria um missionário fazer uma capela, ensinar e baptizar tôda gente.

*Os alunos da Escola de Artes e Oficios, tomando a refeição.*

«Efectivamente baptizava sempre esperançado em que Deus mandaria um obreiro para esta vinha tão inculta e desprezada. Em Sofala há uma escola regida por um filho da terra, onde os rapazes aprendem a ler, escrever e contar,

o que é de grande adiantamento para a civilização dêstes povos; mas a leitura só não basta para fazer de pretos selvagens homens prestáveis à sociedade.

«Depois do baptismo houve grande batuque, dividido em duas turmas: dum lado os *musungos*, os grandes da terra, que, em geral são mestiços, em linha mais ou menos remota; doutro lado os pretos ou cafres.

«Para o batuque dos *musungos*, prepara-se um barracão de toldos e velas de barcos, atapetado de esteiras. A dança é muito monótona: arremeda um pouco o fandango das nossas aldeias de Portugal. Ordinàriamente dura tôda a noite e algumas vezes duas e três noites a seguir, sempre no mesmo tom, no meio de uma vozearia infernal, com muitos trejeitos, palmas e assobios, ao som estrondoso do batuque, que consiste em um tronco de árvore furado, tendo nas extremidades duas peles lisas à maneira de rufo. Nestas danças cafreais há sempre um barril de aguardente ou um pote de *pombe* (cerveja de milho). O batuque termina quási sempre pela bebedeira, o que foi motivo de que eu me demorasse mais três dias. Os marinheiros da nossa lancha também entraram no batuque e no dia seguinte, que era o aprazado para a partida, não havia quem os arrancasse das palhotas.

*Grupo dos missionários da Beira, em 1929.*

«Nesta conjuntura preferi retardar a viagem a sujeitar-me ao perigo de servir de pasto aos peixes. Passei mais dois dias visitando as povoações circunvizinhas.

«Na vila de Sofala deve haver umas 15 casas, 4 de alvenaria e as outras de ferro zincado. A povoação está muito bem arruada e dividida em pequenos quintais, o que lhe dá um aspecto agradável. Por tôda a parte se vêem renques de coqueiros novos, ladeando as ruas sempre muito limpas. De noite é iluminada a petróleo.

«A pequena distância da povoação encontra-se a casa do Sr. José Rosa, antigo capitão-mór e actualmente Juíz territorial. O Sr. José Rosa é o maior proprietário de Sofala, possui grandes palmeirais, uma boa manada de vacas e muito gado miúdo. O terreno de Sofala é próprio para criação de gado de qualquer espécie. Os coqueiros dão-se bem e crescem em pouco tempo. Quanto à agricultura, deixa muito a desejar nos anos de secas, porque, sendo o terreno areoso, não produz nada sem água. O solo é plano e bastante infeccionado pelos pântanos; todavia a vila deve ser salubre, porque é arejada pelo vento sul e fica distante dos pântanos. Todos os trabalhos principiados, tanto na vila como no mato, devem-se ao Sr. Lisboa, que ali reside há perto de 10 anos, como empregado da Companhia de Moçambique. Deixo aqui exarado um voto de sincero agradecimento a Sua Ex.ª, pelo modo como nos tratou durante 8 dias que, na verdade, deviam ser muito massadores para Sua Ex.ª, mas para os pequenos e para mim foram cheios de satisfação. Logo que apanhámos tempo bom e vento favorável, regressámos à Beira, a retomar os trabalhos das oficinas e as lides missionárias.

*Escola «Oliveira Martins» das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria.*

*Alunas do Internato das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria.*

«Oxalá que esta pequena correspondência vá despertar nos meus colegas de estudo, o desejo de virem ensinar esta pobre gente, que jaz nas trevas da ignorância, sem terem quem lhes mostre o caminho, a luz, a verdade e a vida».

Julgam que o preto não é capaz de receber a instrução musical, e que o seu ouvido e garganta acostumados à gritaria infernal e estrondos horríveis dos batuques e *música de pretos,* como se costuma dizer, quando a desafinação predomina na execução de qualquer trecho musical, não são aptos para receber e traduzir a harmonia e delicadeza da Norma de Bellini, etc. etc.?

Pois se assim julgam, os triunfos da Banda da Missão da Beira obrigam os senhores a porem de parte tais preconceitos.

Em Junho de 1905 começaram a ser dadas aos rapazes as primeiras noções de música instrumental. Em Janeiro de 1906 já êles executaram o Hino da Carta por ocasião da visita que o Ex.mo Sr. Governador da Companhia, Alberto Celestino Ferreira Pinto Basto, se dignou fazer à nossa incipiente escola.

Em Setembro do mesmo ano apareceram em público pela vez primeira, e tocaram com agrado geral e perfeição relativa o seu pequeno reportório.

Em Maio do ano seguinte — 1907 — o Ex.mo Sr. Governador Pinto Basto chamou o P. Director da Escola para fazer um contracto com a banda.

Deixarei falar os documentos oficiais que tratam do assunto, para que conste tôda a verdade na nudez eloqüente de seus números e factos.

O relatório anual das escolas, relativo a 1907, falando sôbre a nossa escola, agradece ao Sr. Governador a protecção desvelada que lhe tem prestado e continua:

«O desaparecimento inesperado e imprevisto da banda militar levou V. Ex.a a tratar com a Direcção da Escola, a título de experiência e temporàriamente, da cedência da sua banda, para substituir a primeira, dando-lhe por sessão de música a importância de 3.0.0. (três libras)». Êste contracto provisório e de mera experiência, foi o preâmbulo doutro mais sólido, a vigorar desde 1908, vantajoso para as duas partes, a Companhia e a Escola...

Segundo o dizer geral, a Banda da Escola, tanto na execução das suas peças como na variedade do seu reportório, e no número das suas figuras, que já chegaram a 20, desde logo alcançou superioridade à banda que veio substituir.

Como os leitores acabam de ver, a nossa banda faz as vezes duma banda militar, tocando na praça pública às quintas-feiras e domingos e nas formaturas oficiais, por ocasião de recepção das pessoas cuja categoria exige a presença da fôrça militar.

*Os edifícios da Missão de S. José do Môngüè.*

# Missão de S. José do Môngüè (Inhambane)

Foi esta missão fundada em 1890, pelo jesuíta francês Vitor Courtois. Em 1899 passou para os Missionários Seculares Portugueses, e em 1903 para os Franciscanos. Teve como superiores P. José Serafim Pedreira, de 1903 a 1906; P. Cândido Magalhães, até 1908; P. Alberto Teixeira de Carvalho, de 1908 até janeiro de 1911; P. António Maria de Oliveira, até Janeiro de 1912.

Colaboraram nesta missão, o P. Inácio Rodrigues e os auxiliares Salvador Franqueira, Daniel de Almeida, Silvestre Cordeiro e Félix de Jesus. Os missionários franciscanos encontraram a Missão em mísero estado: a capela em ruínas, as palhotas de habitação quási desfeitas, os terrenos cobertos de capim. As crianças iam afluindo de bom grado. Foram admitidas 25, as quais principiaram a ser leccionadas com os livros que havia, velhos e maltratados. Em 1904 construíu-se um bote para estabelecer as comunicações com Inhambane, distante da Missão 20 quilómetros. Nesta altura já estavam montadas as oficinas de ferreiro, serralheiro e carpinteiro. A Missão sustentava-se com os produtos da sua agricultura, principalmente milho e mandioca. Em 1905 estavam reparados os edifícios antigos da Missão e construído um novo, de 25 metros de comprimento e 12 de largura, para internato das crianças. De 1907 a 1908, ampliou-se a capela, construíram-se barracões para armazéns, arroteou-se grande quantidade de terreno para sementeiras.

Em 1908 foi preciso construir um muro de suporte ao internato, pelo lado sul, para obstar a que as chuvas levassem a terra, descobrindo os alicerces. A obra concluíu-se ràpidamente. A terraplanagem esteve a cargo dos alunos da Missão, que nas horas livres da escola e oficinas, conduziam a terra por meio duma *decauville,* que se conseguiu, de empréstimo, de Inhambane. O muro tem 71 metros de comprimento e 3,50 de altura, encimado de pirâmides. Por 1909 e 1910 a Missão susten-

tava e educava 50 alunos, quási exclusivamente com os recursos dos Missionários e donativos por êstes obtidos na Europa, em Portugal e fora de Portugal.

A Condessa Maria Teresa Ledochowska foi uma benfeitora desta Missão. Foi ela que ofereceu o instrumental para a banda da música que se tinha organizado em 1904 com uns instrumentos velhos cedidos à Missão pela Câmara de Inhambane.

De 1908 a 1910 a Missão atingiu notável desenvolvimento. Era de cêrca de 1.000 hectares o terreno de que a Missão dispunha para a sua actividade agrícola. A producção de milho e amendoim quási bastava para alimentar as 70 crianças que os missionários recolheram. Arroteou-se muito bravio e fizeram-se extensas plantações de palmeiras. As alfaias agricolas iam da Europa, compradas à custa dos missioná-

*Pessoal missionário em 1910.* — Sentados: *Salvador Franqueira, P. Alberto Teixeira de Carvalho, P. Inácio Rodrigues.* De pé, ao centro: *Silvestre Cordeiro.*

rios e os agricultores indígenas iam-se habituando a trabalhar à maneira de Portugal, pondo de parte os seus processos rudimentares e nem por isso menos dispendiosos. Em razão do grande número de braços empregados na agricultura, a população indígena adensava-se em volta da Missão: de 1908 a 1910 duplicou o número de palhotas e habitantes, o que muito facilitava a sua evangelização.

O número de alunos aumentou consideràvelmente: além dos 70 internados, estavam matriculados 80, e preparavam-se mais bancos e carteiras, porque se calculava que a população escolar seria pròximamente de 150 crianças. No horário da Missão três horas diárias eram destinadas ao ensino escolar, 1 hora ao catecismo, 1 hora (à noite) à música; o resto do dia era empregado no ensino técnico e agricultura.

Em Dezembro de 1910 foi retirado às Missões todo o amparo oficial. O Prelado de Moçambique, que a êsse tempo se encontrava em Inhambane, determinou que a Missão fechasse. O P. António Maria de Oliveira ainda por lá se conservou até Janeiro de 1912. Seguiu-se a derrocada da Missão. Em 1917 o Govêrno de Moçamque tomou providências afim de evitar a perda completa.

Actualmente está confiada aos missionários franciscanos do distrito de Inhambane, os quais por lá vão prestando serviço conforme as circunstâncias lho permitem.

## Movimento religioso, escolar e de enfermagem

*Em 1927:*
Alunos, 85;
Baptismos, 19;
Casamentos, 2;
Confissões, 224;
Comunhões, 230;
Doentes tratados, 42;
Curativos, 177.

*Em 1928:*
Alunos, 102.

*Em 1929:*
Alunos, 66;
Confissões, 14;
Comunhões, 22;
Doentes tratados, 14;
Curativos, 54.

*Em 1930:*
Alunos matriculados, 128.

*Em 1931:*
Alunos matriculados, 86.

*Em 1932:*
Alunos, 96.

*Em 1933:*
Alunos, 100.

*Capela da Missão*

# Missão de Chai-Chai

Foi porventura aquela que mais árduos esforços custou aos nossos missionários. Criada em 8 de Novembro de 1906, foi-se desenvolvendo através de grandes obstáculos até 1919; neste ano, funcionando regularmente e por assim dizer já em terreno desbravado, ficou entregue ao clero secular, por haver parecido à Direcção Geral das Missões mais conveniente que o pessoal franciscano se concentrasse nas missões do distrito de Inhambane e territórios da Companhia de Moçambique.

Começaram pois e seguiram com muitas dificuldades, por vezes incidentadas de peripécias interessantes, os trabalhos de instalação num meio completamente desconhecido para os empreendedores e pura e rigorosamente selvagem. Um dos *operários daquela hora,* com o espírito visìvelmente desassocegado e ares de homem caído em labirinto, procura orientar-se, concentra-se e tenta fazer a descrição topográfica ou composição do lugar...

«Olhando do Chai-Chai para as partes donde se levanta o sol africano, ficam-nos à esquerda o Limpopo, os brejos, os pântanos e lagoas, uma das quais tem mais de 30 ou 40 léguas de extensão. É a mansão da morte, o refúgio dos crocodilos e hipopótamos e a sentina de tôdas as pestilências! À direita começa o terreno a levantar-se, a acidentar-se, a povoar-se de colinas, e tudo a cobrir-se de árvores decré-

*Um Franciscano de Moçambique na travessia perigosa dum riacho, por ocasião da visita às escolas e povoações indígenas.*

■

*O missionário surpreende o feiticeiro nas suas malas-artes.*

pitas ou pouco desenvolvidas, de bosques enfezados e raquíticos e muita vegetação espontânea. Termina êste planalto, em geral muito árido e sem gota de água, por grandes dunas de areia, e enfim o mar.

«Antes de aí chegarmos, porém, encontramos Chungüene, espécie de estação comercial, a três horas de Chai-Chai e duas antes do mar. Compõe-se duns três comerciantes europeus e dalguns monhés e banianes, que, como os leitores já terão notado, são um novo género de parasitas sempre agarrados aos brancos em tôdas as plagas do oriente.

*Missionários Franciscanos com três catecúmenos de Amatongas.*

«Trezentos passos antes de Chungüene refrescamos os pés já fatigados, se nos apraz, num belo regato de frescas e límpidas águas, verdadeiro oásis e riqueza que não se troca a pêso de ouro nestas adustas e medonhas paragens. A água não é o que diríamos — excelente — mas bebe-se, oh! e que bem ela sabe ainda aos povos mais distantes que sequiosos a demandam!

«Saindo da água, e subindo a encosta até à povoação, encontramos, junto à primeira casa, uma estrada de carro, que é uma das principais artérias dos distritos de Gaza e Inhambane. Liga a esta última a povoação de Chai-Chai e Manjacaze, antigo Kraal do Gungunhana e hoje sede do Comando dos M'Chopes.

*Ensinando o catecismo às crianças.*

«De sudoeste a noroeste seguimos por esta estrada coisa dum quilómetro. Aqui encontramos uma grande árvore, como um grande carvalho, que assistiu ao passar de longos séculos e ouviu os hinos guerreiros de muitos povos, desde Chaca até Gungunhana e Mousinho. Essa árvore tem um capítulo na nossa crónica. Mas deixando-a agora a um lado, cortamos à direita pela encosta acima, andamos mais dois minutos e estamos no local da missão. É uma colina bastante elevada, sobranceira aos brejos e pântanos do Chai-Chai, corrida

pelos ventos do sul, que nestas terras é o norte de Portugal, e dominando todo êste grande recanto entalado entre o Limpopo e o mar. A seus pés, e a uns quatrocentos ou quinhentos metros, há uma espécie de afluente do tal riacho, e que às vezes se nos afigura um pântano insignificante, de cujas águas se abastece a missão.

«Quereis saber, pacientíssimos leitores, porque vos falei duma única árvore, decrépita e grande, que topámos no caminho da missão, havendo tantas e tantas nestas paragens, que decerto nos deveriam excitar mais a admiração e curiosidade?... Ora vão ouvindo:

«Foi aí por princípios de Dezembro que o meu prezadíssimo, entre os mais prezados colegas e superior da nova missão, Padre Manuel Camilo das Neves Gaveta, chegou com o auxiliar Félix Reis à famosa povoação de Chai-Chai. Vinha encarregado de escolher o local para a nova fundação. Depois de bordejar tôdas as lagoas e pântanos, e pisar, passo a passo, todos os vales e colinas que vão desde o mar, que está em frente a Chungüene, até à grande lagoa que se estende pela margem esquerda do Limpopo acima, chegou enfim próximo do sítio em que hoje estamos. Era um planalto bonito mas difícil de examinar em panorama, por causa das muitas árvores, pequenos bosques e imensa vegetação anual. A tal *árvore grande* era o melhor ponto de reconhecimento que tinha à mão. Um homem, como êles se querem, e parece que feito de molde a desaparecerem diante dêle tôdas as dificuldades, o meu bom colega deu provas da sua agilidade. Sobe a essa árvore gigantesca, encarrapita-se em seus últimos ramos, contempla o grandioso panorama, imprime-o na memória em pequenos quadros que depois examina miùdamente, compara o sítio com todos os que já viu, acha-o preferível a todos e determina fundar ali as primeiras palhotas! Respeitadores de tôdas as produções da natureza, esta árvore terá em nós os mais acérrimos e especialíssimos defensores; e se em ano de seca o rocio matinal lhe negar suas gotas refrigerantes, com ela repartiremos o nosso minguado quinhão. Pusemos-lhe um nome, e até hoje ficou chamada a *Árvore do Reconhecimento.*

«Começaram-se então as primeiras estâncias. Algumas fôlhas de zinco e quatro paus, formaram o armazém e dispensa. Em seguida fêz-se uma palhota, como as dos pretos; depois outra e outra, sendo êstes os fornecedores dos materiais e os artistas de tão primitivas e rudes moradas. Em todo o caso são muito confortáveis e preferíveis às moradas de zinco, que se deixam passar em excesso tanto do calor como do frio e humidade. Três tendas, como as que S. Pedro apetecia para Cristo, Moisés e Elias, serão as nossas moradas, até que definitivamente se levante uma casa e um templo no meio destas montanhas, onde se reünirão imensos povos a receber a luz de que estão privados. Agora, rodeados de infiéis, habitamos em tabernáculos, como os filhos de Israel no deserto; depois, quando o sol já brilhar para êstes povos rudes e ignorantes, ressoarão jubilosos hinos em Sião.

«Iam as coisas nestas alturas quando eu cheguei à missão.

«A época escolhida para esta fundação foi a mais desastrada que era possível. Estávamos em pleno período dos grandes calores e das chuvas torrenciais, que é desde fins de Dezembro a princípios de Março, seguindo-se logo a quadra mais doentia do ano, que é a do levantar das águas. Parece que tudo se conspirou para dificultar os trabalhos na missão. Não só era péssimo o tempo, senão que êste ano foi excepcionalmente pluvioso, a ponto de alagar todo o vale do Limpopo, causando gran-

*Um par de noivos cristãos da missão franciscana de Homoine, no dia do seu casamento.*

■

*Sepultura de Francisco de Assis Muapale no cemitério da missão de Homoine.*

■

*Um catecúmeno da missão da Beira, o qual mede para cima de dois metros.*

des prejuízos, assorear a barra do rio, fechando assim Chai-Chai a todo o comércio possível e ameaçando o distrito de Gaza com uma grande crise, se porventura se demorasse mais tempo êste estado de coisas. No mês de Fevereiro não cessou de chover, o que impossibilitou quási completamente o adeantamento da escola, que principiámos a levantar pelos fins de Janeiro.

«As febres também nos não deixaram em paz. Visitam-nos a todos. No meio de todos êstes trabalhos, para cúmulo de infelicidade, nem a morte deixou de fazer a sua vítima. O auxiliar Joaquim Roque Ribeiro, chegado da Beira havia apenas três semanas, caiu na cama com reumatismo muscular, de que já sofria lá no reino. Transformando-se numa endocardite, levou-o em poucos dias. Tudo eram golpes, que só muito tarde poderão cicatrizar; mas o ideal que ante todos os infortúnios se nos apresentava puro e grande era um estímulo que não permitia vacilar um momento no prosseguimento da obra começada.

«Enfim termina Fevereiro com todos os seus rigores e aparece-nos Março ainda todo a escorrer água. Sacode a melena e mostra-se-nos risonho. Os calores já não são grandes e os ventos dominantes do sul arrebatam lá para longe os miasmas que em nuvens espessas se começam a levantar em todo o vale do Limpopo.

«Entretanto a nossa escola lá se ia firmando em grossa e numerosa estacaria do mato. A fachada é de zinco, para melhor resistir aos temporais do sul; as paredes de caniço, *maticadas* por dentro e por fora com argamassa que os mesmos indígenas preparam com muita mestria. O tecto é coberto com palha especial, que êles chamam *metende*, e aí temos nós uma casa para durar meia dúzia de anos, se não fôsse o *muchem* (termita) que já lá anda a minar a estacaria. Ainda assim deve durar os seus três anos. Atrás da escola há uma pequenina capela que comunica com esta por uma porta bem rasgada. É uma disposição que, conservando-a isolada do bulício da rapaziada, permite converter a escola numa igreja sempre que os futuros fiéis aí concorram em grande número.

«Apressando o mais que pudemos todos êstes trabalhos, pudemos fazer a inauguração da escola no dia 19 de Março, dia de S. José. Foi modestíssimo êste acto, nem é para se descrever. Basta saber-se que começou logo a haver alguma concorrência, que por então não podia servir de base a qualquer cálculo, ainda pouco aproximado».

Durante os primeiros meses (Dezembro de 1906 e Janeiro e Fevereiro de 1907) a situação dos missionários era dura, para não se dizer angustiosa ou aflitiva. As primeiras instalações, em palhotas à maneira indígena, reconhecimento de terreno, exploração de águas, roça do matagal, derrubamento de árvores, conquista de terreno aos pântanos para ensaio de sementeiras e cultura, tudo teve de ser feito à custa dos missionários e por seu esfôrço corporal: os indígenas, até aí ariscos e desconfiados, não lhes prestavam o menor auxílio. E, ainda para mais, êste ciclo de trabalhos e angústias tinha de decorrer nos meses de maior calor e chuvas torrenciais (Dezembro, Janeiro e Fevereiro), lutando-se com as inclemências do tempo, com a falta de géneros alimentícios, com a extrema desconfiança dos pretos, com a ignorância da língua, com as febres, de que todos foram atacados, e finalmente com a morte que arrebatou nas primeiras semanas um auxiliar valiosíssimo, Joaquim Roque Ribeiro. Foram três meses angustiosos, de quebrar os ânimos mais fortes para as lutas da vida, os primeiros que aí se passaram.

Enfim, as coisas melhoraram sensivelmente. Em Março, estava pronto um grande barracão que servia de escola; e os indígenas já olhavam com simpatia os missionários e dêles se aproximavam sem receios.

A princípio a escola afigurou-se-lhes uma cilada; mas bem depressa se convenceram de que o não era e tão francamente se renderam que ao fim dum ano já liam regularmente e muitos escreviam menos mal. Dentro em pouco, na Missão e muito ao largo em volta da Missão falava-se o português.

Em 1909 a Missão de Chai-Chai distinguia-se pelas suas explorações agrícolas e pecuárias; fundara umas três escolas no interior do mato, regidas por pretos habilitados na Missão, as quais eram constantemente dirigidas e inspeccionadas pelos missionários; e finalmente tinha construído uma nova e difinitiva residência de alvenaria, para habitação dos missionários, com numerosas dependências, sólidas e confortáveis, para diversas oficinas.

Para o estudo do Landim, que é a língua da região, os nossos primeiros missionários serviram-se com grande utilidade da Gramática Ronga do presbítero suiço Harari A. Junod, seguido de um Vocabulário Rongo-Português-Francês-Inglês, dos Subsídios para estudo da gramática Ronga do P. Pinheiro, de Sernache, e do Dicionário Ronga-Português, de Tôrre do Vale. Com êstes elementos, depois de alguns meses de convivência, os nossos missionários — e particularmente o superior da Missão — entendiam-se perfeitamente com os chai-chaianos.

*Aos domingos, no fim da missa, as Franciscanas Missionárias de Maria da missão de Homoine destribuem medalhas pelos catecúmenos.*

*É assim o apostolado missionário: catequese longa, assistência aos actos religiosos e, depois, alguma coisa que pela semana adeante vá despertando aos catecúmenos a lembrança das verdades aprendidas, a fim de que êles as pratiquem e adqüiram dêste modo hábitos cristãos.*

*Vista geral da Missão de Inharrime*

# Missão de Inharrime

Criada por portaria eclesiástica em 2 de Janeiro de 1909, foi inaugurada a 4 de Julho de 1910.

Começou-se pelo levantamento de duas palhotas, para habitação dos missionários. Em 1913 montaram-se oficinas num barracão. Em 1915 foi construída a residência de alvenaria e começaram-se os alicerces doutro edifício para escola e camarata dos alunos internos. De entre as oficinas, a de carpintaria atingiu notável perfeição. Ultimamente fundaram-se mais três escolas. A região é fértil e a agricultura, sob a direcção dos missionários, tem-se desenvolvido consideràvelmente. A Missão possue um grande armazém para guardar os produtos agrícolas e uma grande eira para secagem.

Até 1914 o serviço religioso era feito numa palhota; actualmente os actos do culto celebram-se numa ampla igreja. As Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria dirigem o internato das raparigas, o qual em 1928 estava ainda instalado em «barracas e pardieiros». «A própria residência das Irmãs esboroava-se aos pedaços». A situação melhorou.

Em 1929 escrevia o superior da Missão, com certo desvanecimento: «êste ano ficou terminado um novo edifício que — dito por todos — muito embeleza o aspecto geral da Missão.»

A Missão de Inharrime recebeu grande impulso de 1915 a 1919, com a actividade e sob a direcção do ilustre missionário P. Alberto Teixeira de Carvalho.

Ao ser-lhe entregue esta missão em Agôsto de 1915, existia um barracão de madeira e zinco, com a superfície de $18^m \times 8^m$, oferecido pela edilidade de Inharrime, para nele serem montadas as oficinas de carpintaria e serralharia; a casa da residên-

*Casa da residência dos missionários, em Inharrime*

cia dos missionários, com a área de $14^m \times 8^m$, em meia construção; a escola, apenas principiada, de $12^m \times 6^m$.

Era de absoluta necessidade concluir a casa da residência e, antes de tudo, rebocá-la.

Por falta de meios, as paredes tinham sido construidas com pedra e barro simples; as chuvas, em contínuas infiltrações, haviam já deteriorado bastante a alvenaria. Mas não havia verba, nem tão pouco se sabia onde a ir buscar. Com algum produto da agricultura e poupando quanto possível a dotação, conseguiu-se, com dificuldade, comprar cal, algum cimento, e fazer alguns melhoramentos.

*Escola dos rapazes, na missão de Inharrime*

Mais tarde conseguiu-se comprar o zinco e cimento para fazer as varandas, obra que ficou concluída em fins de 1916.

A escola tinha, até então, funcionado irregularmente por não haver edifício próprio: era, portanto, de urgência, concluir a casa a ela destinada, embora com sacrifício; depois de muitas tentativas, antes do fim de 1917, ficou ela concluída.

Não obstante se reconhecer logo que êste edifício era pequeno para o fim que se destinava, e, olhando à população, que no futuro não poderia comportar todos os alunos, resolveu P. Alberto Teixeira continuar o que já estava principiado, para não se perder dinheiro, pensando que mais tarde, em melhores dias para a missão, se construïria um edifício amplo e higiénico para êsse intuito, ficando o actual para a ambulância e uma pequena enfermaria.

Em fins de 1917, foi visitar a Missão o saüdoso Governador do Distrito, Car-

*Igreja da Missão de Inharrime*

valho e Araújo, que, vendo as crianças do internato a dormirem em palhotas velhas, acedeu ao pedido de arranjar a verba de 1.000$00, para se construir um dormitório amplo e com todos os requisitos da higiene, construção a que se procedeu apenas foi aprovada a verba. Nessa ocasião foi necessário reparar a residência dos missionários, à qual os temporais de Janeiro de 1918 tinham deixado completamente arruïnado o lado sul.

Começou-se depois o fabrico de tijolo para a camarata do internato; mas porque a verba era insuficiente para um edifício que mediria $20^m \times 6^m$, mandou os serradores para o mato a abater madeiras que servissem na dita construção e para poder vender alguma e conseguir dinheiro para concluir a obra projectada.

O fabrico do tijolo foi moroso e cheio de contratempos por causa das muitas

chuvas, que nesse ano se prolongaram até Maio e Junho com grande intensidade, inutilizando muito tijolo e atrasando a construção do edifício. Em Setembro dêsse ano ficava concluído e nele começaram a morar os internos.

Em 1919 existiam na Missão 7 edifícios de alvenaria. Das primeiras construções nada restava de pé, o que demonstra não serem mais duradoiras as construções de palha que os edifícios na areia... Neste período foi igualmente importante o desenvolvimento da agricultura. Primeiro melhorou-se o que estava feito, mandando abrir valas no terreno do Machongo, para a drenagem ser perfeita e desembaraçando os terrenos altos de cepos e raïzame. Por Agôsto de 1915 estavam agricultados 7 hectares no Machongo, aproveitados em sementeiras de milho e feijão; e nos terrenos altos havia 3 hectares plantados de mandioca e semeados de algum amendoim. Em 1917 ampliaram-se as culturas do Machongo e dos terrenos altos. Havia ainda vasto matagal em volta da Missão; era urgente roçar grande quantidade para evitar, ao menos atenuar, a propagação de mosquitos que enfestavam a Missão: assim se fêz e arroteou-se mais terreno. Em 1919 estavam aproveitados, em volta da Missão, 10 hectares em cultura de mandioca e amendoim.

*Oficina de carpintaria e serração.*

A cheia de Janeiro de 1918 no rio Inharrime, além dos prejuízos causados nas plantações do Machongo, sepultando debaixo da água 2 hectares de arroz e de milho, inutilizou 4 hectares de terreno já arroteado. Foi necessário fazer novo arroteamento em 1918 e 1919. Em 1919 estavam nos terrenos do Machongo 10 hectares semeados de milho.

*Alunas do internato feminino, fiando sisal.*

Aproveitando a terra e o tempo, conseguiu-se tirar anualmente três colheitas no mesmo terreno: duas de milho e uma de feijão ou arroz.

*Escola.* — Até Janeiro de 1916 não pôde funcionar regularmente. O barracão de palha onde tinha sido instalada durou pouco mais dum ano, tendo de dar-se al-

gum tempo aula ao ar livre. Construido que foi o edifício para a oficina, o superior de então, P. Serafim Pedreira, lembrou-se de o utilizar em parte para escola; mas o recinto era acanhado. A situação melhorou um pouco com o levantamento de outro edifício que tão pouco era proporcionado à freqüência de alunos, que tinham de ser divididos em três turmas, triplicando o trabalho dos professores. Esta deficiência só há pouco pôde ser remediada. Todos os alunos, com excepção dos que freqüentavam a oficina de carpintaria, eram obrigados à aprendizagem agrícola três horas por dia, habituando-se a trabalhar e aprendendo os processos mais aperfeiçoados de agricultar os seus terrenos. A principio mostraram certa reluctância, mas dentro em pouco andavam com gôsto e até com emulação. Cinco horas por semana, além do serviço religioso do domingo, eram destinadas ao catecismo.

*Alunos da escola sucursal Menino Jesus do Posto de Coguno, a 30 quilómetros da sede da missão de Inharrime.*

*Alunas da mesma escola do Posto de Coguno.*

*Nalgumas localidades já os missionários puderam levantar escolas distintas para rapazes e raparigas. Noutras, porém, como no Posto de Coguno, o mesmo edifício serve, parte do dia para os rapazes, parte para as raparigas.*

*Ambulância.* — Em 1919 o Administrador de Inharrime mandou para a Missão um enfermeiro indígena diplomado. Faziam-se por dia uns 30 curativos, ou na sede da Missão ou em visitas pelas povoações.

*Oficina de carpintaria e serração.* — Dirigida desde que se fundou a Missão pelo Irmão auxiliar Salvador Franqueira, mestre-operário habilíssimo, realizou trabalhos admiráveis. Com a morte dêste prestimoso auxiliar em Abril de 1916, teve de fechar temporàriamente. Em 1917 tinha retomado a sua actividade. Nos fins de 1917 exercitavam-se na oficina 12 aprendizes; 20, decorridos alguns meses do ano seguinte.

*Grupo de alunas do internato feminino, dirigido pelas Franciscanas Missionárias de Maria.*

A missão de Inharrime, na primeira década da sua existência, teve de lutar com dificuldades enormes de diferentes procedências e motivadas em causas diversas e pretextos mui variados. O P. Alberto, ao assumir a sua direcção em 1915, encontrou-a ameaçada de extinção não obstante os grandes serviços prestados pelo antecessor, P. Serafim Pedreira, que a todo o transe a procurou salvar. Durante cinco anos P. Alberto trabalhou, lutou, quási só, não desanimando nunca e devotando-se com tôdas as suas fôrças por levantar a Missão, moral e materialmente. Dispendeu um esfôrço prodigioso. Em Agôsto de 1920 estava arruïnado de saúde, e foi obrigado a retirar para a Metrópole. E em Outubro dêsse ano chegava novo pessoal a quem P. Alberto tinha deixado por escrito e como em testamento estas indicações: «1.º É necessário construir um edifício amplo para a escola e dotar a escola com o material didático competente. 2.º É de absoluta necessidade cuidar da educação das raparigas, aliás é completamente perdido o trabalho de cristianização; ao padre não compete êste mister que poderia comprometer o seu nome e a sua honra. 3.º Precisa-se de aumentar o internato pelo menos até 70 crianças e criar uma outra oficina para ensino profissional». Hoje, êste programa está realizado e, felizmente, ultrapassado. A Missão mantém dois

*Alunos que se preparam na sede da Missão para professores-catequistas, auxiliares dos missionários.*

internatos: um para o sexo masculino (46 crianças, em 1931); outro para o sexo feminino (75 crianças, em 1931), dirigido pelas Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria.

## Resumo da acção missionária desde o ano de 1917 a 1933, na Missão de S. Francisco de Assis, de Inharrime

### Movimento Religioso

| Ano | Baptismos | Casamentos | Óbitos | Confissões | Comunhões | Lições catequíst. |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1927 | 36 | 4 | 6 | 1.144 | 4.117 | 300 |
| 1928 | 52 | 4 | 3 | 1.302 | 6.165 | 624 |
| 1929 | 41 | 7 | 7 | 1.140 | 4.786 | 831 |
| 1930 | 56 | 12 | 7 | 1.289 | 3.389 | 1.317 |
| 1931 | 56 | 1 | 2 | 1.795 | 4.905 | 1.573 |
| 1932 | 77 | 13 | 7 | 3.449 | 18.220 | 1.762 |
| 1933 | 318 | 41 | — | 10.119 | 41.582 | 6.407 |

### Movimento escolar

| Ano | N.o das escolas | Alunos matricul. |
|---|---|---|
| 1927 | 3 | 199 |
| 1928 | 3 | 187 |
| 1929 | 4 | 401 |
| 1930 | 4 | 375 |
| 1931 | 5 | 425 |
| 1932 | 7 | 781 |

### Movimento da Ambulância

| Ano | Doentes tratados | Curativos feitos |
|---|---|---|
| 1927 | 1175 | 11.755 |
| 1928 | 1211 | 14.936 |
| 1929 | 1630 | 27.019 |
| 1930 | 1842 | 35.834 |
| 1931 | 2301 | 32.041 |
| 1932 | 1577 | 22.995 |

A êstes trabalhos há que juntar mais a construção de alguns edifícios escolares: — Escola do Menino Jesus do Posto de Coguno, a escola do sexo masculino, na sede da Missão, as de S. José de Madovela e de S. Miguel de Mangorro.

Na sede da Missão fêz-se mais um acréscimo na residência para os assalariados da Missão; e ùltimamente a residência para as Irmãs Missionárias Franciscanas de Maria, auxiliares da Missão, estando em meia construção o Internato Feminino indígena.

*A igreja da Missão de Homoine*

# Missão de Homoíne

Está situada na circunscrição do mesmo nome, no distrito de Inhambane. Criada por portaria de 7 de Dezembro de 1910, foi aberta em 5 de Fevereiro de 1911. Começou-se por construir palhotas para residência dos missionários. Em 1921 principia a construção, em alvenaria, da residência, camarata e escola do internato para rapazes indígenas. Em 1923, a 8 de Março, dia de S. João de Deus, patrono da Missão, foi inaugurada a nova residência. Começou-se também nesta época o fabrico de tijolo, para a residência das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria. A escola é já freqüentada por 136 alunos. Em 1924 inaugurou-se a camarata dos alunos internos. Ia aumentando a população escolar. Em 1925 ficou concluída a casa de habitação para as Irmãs, que ali se instalaram em Dezembro, tomando a seu cuidado a educação e instrução de raparigas. O número de alunos era de 175. Em 1926 foi lançada a primeira pedra para a construção da Igreja. Fundou-se, fora da missão, a primeira escola indígena, em que se apresentaram logo nos primeiros dias 336 rapazes. Lançaram-se os fundamentos de uma aldeia cristã, que tem progredido admiràvelmente. Em 1927 havia 6 escolas com 445 alunos. Em 1928 ficou a igreja coberta; instalou-se uma turbina e abriu-se uma escola. O número de alunos era de 629. Em 1929 foi inaugurada a turbina e bomba que abastecem a Missão de água abundante, trazendo-a de uma distância de 1850 metros e elevando-a à altura de 85 metros. Abriu-se outra escola. O número de alunos eleva-se a 759. Em 1930 estava concluída a igreja, cuja inauguração, por motivos especiais, foi adiada, realizando-se no dia 1 de Fevereiro de 1931.

*Cerimónia da inauguração da igreja de Homoíne.*

A igreja mede 40 metros de comprimento, 12 de largura e 12 de altura. O campanário, ao centro da fachada, eleva-se a 26 metros.

A Missão sustenta um internato de 60 rapazes, outro de raparigas, com 60 alunas, dirigido pelas Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria.

O fundador da Missão de Homoíne, P. Inácio Rodrigues, a princípio viu-se enredado em mil dificuldades. A Missão fôra criada por portaria provincial de 7 de Dezembro de 1910; mas só em 5 de Fevereiro de 1911 lhe foi dado oficialmente o encargo de a abrir. P. Inácio, como era das praxes, procurou entender-se com o Governador do distrito de Inhambane. Êste respondeu:

— Por conta do Estado, a missão não abre.

— Não peço favores a

*Baptistério da igreja de Homoíne*

*D. Rafael Maria da Assunção e as autoridades civis que assistiram às cerimónias da inauguração.*

*Fachada da igreja da Missão de Homoine*

V. Ex.ª que nas circunstâncias actuais os não pode fazer; desejo apenas que V. Ex.ª me não ponha embargos.

Em 1914 o Prelado encarregou aos missionários franciscanos de Homoíne a paróquia de Inhambane, durante a ausência do R. P. António Martins da Costa e Silva, que voltou em Fevereiro de 1915.

Em 1915 foram mandados arrolar pelas autoridades da Província os bens eclesiásticos; para prevenir o caso do encerramento da Missão, comprou-se terreno a alguns quilómetros de distância, na intenção de para lá transferir a sede da Missão, caso o Govêrno fechasse as denominadas *missões de Estado.*

Em 1918, por ordem do Governador da Prelazia, os missionários de Homoíne tomaram conta da Missão do Môngüè.

Neste ano (1918), todos os alunos (quási sem excepção) foram atacados de pneumónica; os missionários tiveram de ser... *médicos à fôrça*, enfermeiros, cozinheiros.

Em Novembro de 1919 recebeu a Missão com grande júbilo a visita do Superior Provincial Português, P. André de Araújo, que reanimou a Missão com a promessa de novo pessoal, que efectivamente chegou um ano depois.

*Casa da residência dos missionários, na Missão de Homoíne.*

*Escola de rapazes na sede da Missão de Homoíne.*

Em Outubro de 1920 chegam os novos cooperadores, P. Roque do Amaral e os auxiliares Manuel Dias e António Fernandes. A actividade missionária tomou alentos novos.

Em 1921 alguns trabalhadores indígenas, por amor à Missão, abriram uma estrada através do mato para uma pedreira a 8 quilómetros de distância a fim de transportar pedra para as obras; outros se ofereceram para arrancar a pedra, outros para a transportar.

1922 foi um ano de fome em todo o distrito; a Missão, dispondo de uma razoável plantação de mandioca, minorou a fome de muitos infelizes — de todos os que a ela recorriam e de muitos encontrados desfalecidos pelos caminhos.

Em 1923 continuaram as construções e prepararam-se materiais para a igreja, escola e oficinas, tudo nas oficinas da Missão: carpinteiros, mestres-pedreiros e aprendizes de pedreiros mantiveram-se em grande actividade. Como nos anos anteriores forneceu-se abundante quantidade de sementes aos indígenas.

*Dois aspectos da aldeia cristã da missão de Homoine.*

Em 1924 concluíu-se a camarata dos alunos e deu-se grande incremento ao edifício destinado a residência das Irmãs, ultimado no ano seguinte.

Em 1926 assentaram-se os alicerces da nova igreja. Funcionavam 4 escolas, duas na sede e duas sucursais, com 336 alunos.

Em 1927, mais duas escolas; total da freqüência 455.

Em 1928 construiu-se um armazém de alvenaria, captou-se a água para fornecimento da Missão, o que exigiu grandes paredes de suporte, uma arcaria e muro de 74 metros de comprimento e 6 de altura e uma vala de tijolo de 600 metros. Construiram-se mais duas escolas que abriram no ano seguinte.

Em 1929 continuaram as obras da igreja, concluíram-se os trabalhos de captação da água, instalaram-se as máquinas e fêz-se a canalização até à sede da Missão. Criou-se outra escola. A freqüência escolar foi de 759.

Em 1930 inaugurou-se a tracção de água por meio de turbina. Fêz-se um reservatório de cimento armado, de 45 metros cúbicos. Montou-se um moinho para milho, accionado pela turbina. Concluiu-se a igreja — quási inteiramente feita à custa dos missionários... e dos indígenas — e que ficará contada entre os melhores templos da Colónia de Moçambique. A igreja foi aberta ao culto em 1931.

Criada em circunstâncias nada favoráveis, rodeada de dificuldades e incertezas, a Missão de Homoine pouco se desenvolveu até fins de 1920. A partir, porém, dêste ano, a esperança de melhor futuro renasceu e a Missão começou a progredir aceleradamente e é hoje um centro missionário importantissimo, por ventura o mais activo em tôda a Colónia de Moçambique, e onde a vida cristã, considerando êste ponto só em relação aos nativos, se vai tornando mais intensa.

Por parte dos missionários tem havido um intuito premeditado de isolar os cristãos dos pagãos, criando aldeias puramente cristãs em volta das escolas que vão fundando. O professor catequista é considerado chefe da povoação e a êle compete, na ausência do missionário, reünir os cristãos e presidir aos actos religiosos.

As Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria que aqui trabalham têm a seu cargo especialmente a educação da mulher; estão elas incumbidas também do dispensário, aonde acorrem diàriamente muitos indígenas em busca de alívio para os seus males. Durante o ano de 1932 foram tratados 3.611 indivíduos e foi de 65.471 o número de curativos.

*Vivenda de um casal indígena cristão da aldeia de Santa Cruz, em Homoine.*

Em 1932 as 8 escolas da Missão contavam 798 alunos. No mesmo ano, havia na área da Missão 796 cristãos e 509 catecúmenos.

## Movimento Religioso

| Ano | Escolas | Alunos | Freq. med. | Baptismos | Matrim. | Confissões | Comunhões |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1911 | 1 | ? | ? | 4 | — | | |
| 1912 | 1 | 52 | 35 | 14 | — | | |
| 1913 | 1 | 67 | 56 | 64 | — | | |
| 1914 | 1 | 85 | 68 | 28 | 1 | | |
| 1915 | 1 | 65 | 48 | 10 | 1 | | |
| 1916 | 1 | 72 | 62 | 21 | 1 | | |
| 1917 | 1 | 80 | 71 | 16 | — | Não há registo | Não há registo |
| 1918 | 1 | 74 | 65 | 13 | — | | |
| 1919 | 1 | 97 | 80 | 11 | 2 | | |
| 1920 | 1 | 105 | 76 | 24 | 3 | | |
| 1921 | 1 | 97 | 78 | 23 | — | 1109 | 2323 |
| 1922 | 1 | 125 | 85 | 39 | 2 | 1010 | 2348 |
| 1923 | 1 | 126 | 90 | 42 | 2 | 1201 | 1595 |
| 1924 | 1 | 136 | 94 | 6 | 2 | 927 | 2110 |
| 1925 | 3 | 251 | 184 | 51 | 6 | 1327 | 3162 |
| 1926 | 4 | 336 | 251 | 55 | 6 | 1997 | 4776 |
| 1927 | 6 | 455 | 336 | 52 | 5 | 2913 | 6585 |
| 1928 | 7 | 629 | 445 | 54 | 8 | 3972 | 11210 |
| 1929 | 8 | 759 | 509 | 102 | 9 | 4703 | 13399 |
| 1930 | 9 | 960 | 555 | 128 | 21 | 4916 | 15005 |
| 1931 | 8 | 802 | 564 | 102 | 12 | 5015 | 15634 |
| 1932 | 10 | 886 | 695 | 148 | 14 | 5410 | 16390 |

### Movimento dos doentes e curativos

Até 1920 não há registo dos doentes e curativos.

| Ano | Doentes tratados | Curativos feitos |
|---|---|---|
| 1921 | 275 | 2110 |
| 1922 | 247 | 2565 |
| 1923 | 254 | 3258 |
| 1924 | — | — |
| 1925 | 248 | 3551 |
| 1926 | 411 | 9461 |
| 1927 | 759 | 20133 |
| 1928 | 3506 | 33414 |
| 1929 | 2901 | 56781 |
| 1930 | 3064 | 84119 |

*P. José Benedito de Castro, um dos missionários que trabalharam em Homíone.*

*À porta da Igreja de Homoine, depois da catequese*

*Pessoal missionário de Homoine em 1926.* Sentados: *P. Manuel Marques, P. António M. de Oliveira e P. Joaquim Violante, actual superior da missão.*
De pé: *Manuel Dias, falecido em 1927 e António Fernandes.*

*P. Camilo de Azevedo em excursão missionária.*

*Á hora dos curativos na Missão de Homoíne.*

*Na missão de Homoíne, ensinando o catecismo à sombra do arvoredo.*

*Carreada de madeira para as construções da Missão.*

*Aqueduto que leva água para a Missão de Homoine*

*Missão de Homoine. — Saindo para o pasto*

*Antiga capela da Missão*

*Um catecúmeno da Missão*

*As primeiras alunas do internato feminino da Misssão de Homoíne.*

*Casa da residência das Franciscanas Missionárias de Maria, em Homoíne.*

*Na volta de cemitério da Missão no dia de Fiéis Defuntos.*

*Casa da residência dos missionários, em Amatongas*

# Missão de Amatongas

Nesta Missão existe um internato de 71 alunos que se preparam para catequistas e professores das escolas indígenas do território. Tem anexa uma granja, onde se faz agricultura mecânica com um tractor de combustão interna. Tem residência missionária, casa para internato, igreja espaçosa, oficinas e várias dependências.

Tem serração mecânica montada e motor para moinho de farinha e para elevação de água, cuja canalização está pronta. É iluminada a luz eléctrica.

Algumas das escolas indígenas dependentes desta Missão tiveram que fechar para serem mudadas para pontos mais povoados e melhor escolhidos. A maior dificuldade que obsta ao desenvolvimento dêste estabelecimento missionário é a ténue densidade e pouca fixidez de população, do que tem resultado uma freqüência escolar muito incerta.

Em 20 de Abril de 1914 assentou-se a primeira pedra da residência missionária, que foi inaugurada a 16 de Janeiro de 1916. Os primeiros alunos tiveram como mestre o ex-tenente Snr. Júlio Gonçalves Ramos. Antes de 1916 funcionava apenas uma escola agrícola, sem ensino literário; para esta escola já em 1914 se tinham adqüirido alguns maquinismos, entre os quais um motor a gás pobre com o respectivo moinho, em que se preparava a farinha para o consumo da Missão. Em 1916 fixou-se a finalidade da escola: ensino literário, agrícola e aprendizagem de alguns ofícios. Em 1917 exercitava-se o ofício de pedreiro. Em 1927 laboravam carpintaria, serração, serralheria. Em 1928 estabeleceu-se alfaiataria. Em 1930 ficaram as oficinas com suas instalações definitivas: a princípio a escola funcionava na residência dos

missionários e desde 1924 num edifício provisório. Na direcção da escola e oficinas estiveram, depois do Snr. Júlio Gonçalves Ramos, o auxiliar José Maria Bártolo, P. Martinho da Rocha Barbosa, P. José Miguel Vieira, P. Pedro de Araújo.

Principais obras: igreja da Missão, inaugurada em 15 de Agôsto de 1927; um pavilhão para o internato, principiado em 1927 e concluído em 1929; casas das oficinas, concluidas em 1930.

Maquinismos e acessórios: um tractor mecânico, adqüirido em 1917; um tractor para lavoura e tracção de madeiras, pôsto em movimento em 1928; serra mecânica, montada em 1929; em 1929 construiu-se uma pequena central que fornece luz e a inergia para transporte da água para a Missão; bomba e respectivo motor eléctrico, adqüiridos em 1930.

*Escolas.* — Abriram-se 14, 4 das quais fecharam, por se terem deslocado os alunos para outras regiões. Estão em actividade: internato da Missão, desde 1916; escola nocturna, desde 1922; Chinama, desde 1928; 2 em Mutuxira, uma desde 1930, outra desde 1931; Lamego, desde 1931; Vila Paiva, desde 1931; Nhambia, desde 1930; Mbaco, desde 1931.

*Alguns cristãos da Missão de Amatongas.*

*Igreja e edifícios da Missão de Amatongas.*

## Movimento religioso e escolar de 1928 a 1930

| | Escolas | Alunos | Baptismos | Matrimónios | Confissões | Comunhões |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1928 | 6 | 247 | 18 | | 1143 | 2447 |
| 1929 | 3 | 90 | 33 | 4 | 2050 | 3109 |
| 1930 | 5 | 294 | 50 | 7 | 3487 | 5395 |

## Assistência

| | Doentes tratados | Curativos |
|---|---|---|
| 1928 | 96 | 1440 |
| 1929 | 134 | 2378 |
| 1930 | 125 | 3943 |

*A igreja de Vila Pery, em construção*

*Os alunos da Missão de Amatongas na debulha do milho.*

*Escola do mato em Inhaombe*

# Missão de Macequece

A paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Macequece foi confiada aos missionários franciscanos em 1924. Com a permanência exigida pelos encargos paroquiais a *missão-sucursal* foi assumindo a importância do centro missionário, cuja irradiação está alcançando até muito ao longe.

As chamadas *escolas do mato* são a especialidade da Missão de Macequece.

A região, se se compara, por exemplo, com o vale do Zambeze ou distrito de Inhambane, é pouco povoada; mas os indígenas destas paragens, talvez estimulados pelo exemplo do que se passa nos vizinhos territórios ingleses onde o ensino é obrigatório para os dois sexos, desde há muito, e onde tem de haver pelo menos uma escola nas terras de cada chefe, são animados de intenso desejo de aprender: as duas circunstâncias conjugadas foram que impuseram o tipo do *missionário excursionista*. Aqui também cada chefe que se preza quere ter uma escola em sua terra e alguns há que têm duas ou três.

Os missionários residem num edifício da Companhia de Moçambique. Em 1932 comprou-se uma casa, próximo da igreja, e está servindo para albergar os professores indígenas e alunos, por ocasião das reüniões na sede da Missão.

O movimento das escolas indígenas absorve quási inteiramente o tempo dos missionários. Estas escolas, em número já de 25, tiveram o condão de suspender a invasão protestante que se desenvolvia ao longo de tôda a fronteira de Manica.

A região é acidentada e montanhosa e, por isso, difícil a visita a algumas destas escolas. Sôbre elas escreve o Superior:

«Êste ano tivemos a consolação de abrir mais três escolas: a de Nossa Senhora

*Edifício da escola da Missão de Macequece.*

de Fátima, a de S. Pascoal Bailão e a de S. Francisco Xavier de Zónue, das quais uma de alvenaria: a de S. Pascoal Bailão. Consegui ainda, apesar dos poucos recursos, reconstruir a de S. João de Inhaombe, também de alvenaria, e obtive de benfeitores a cedência de duas casas, uma de alvenaria e outra de madeira e zinco, para instalar as de Chirara e Vista-Alegre, o que é de grande vantagem, visto as despesas que nos acarretam as construídas com palha e madeira maticadas, como são construídas quási todas as outras. O entusiasmo pelas escolas manifesta-se, não só

*Casa da residência dos missionários, em Macequece.*

nos pedidos que nos fazem os próprios indígenas, pois que das três fundadas êste ano uma foi a seu pedido, mas também pelos sacrifícios que fazem a favor das mesmas; haja vista, por exemplo, o que os alunos fizeram pela nova escola de Zónue, que, ficando a 27 quilómetros de Macequece, e não havendo meio de se visitar senão a pé ou a cavalo, por iniciativa própria se propuseram abrir uma estrada para o automóvel do missionário, numa extensão duns 10 quilómetros, arrancando árvores e fazendo pontes. A tarefa parecia tão difícil, que, proposta à própria autoridade local, esta mostrou dificuldades em convencer os régulos a uma tal emprêsa; o que assustou a autoridade não meteu mêdo algum aos alunos de Chirara e do Zónue que num mês levaram a cabo tão difícil tarefa, o que muito os honra, bem como aos dois professores que os dirigiram; por esta nova estrada, que fica sendo a glória indígena, espero dentro em breve dar entrada em Moribane, o meu sonho sedutor, abrindo outras escolas».

Dez das nossas escolas funcionam em casas de alvenaria e as restantes em casas de madeira e barro, cobertas a col-

*1.º Igreja da Missão de Macequece. 2.º Em excursão para as escolas do mato.*

mo; tôdas elas têm aproximadamente treze metros de comprimento por seis de largo e três de alto, com as seguintes divisões: uma sala escolar de 10×6 com uma porta e seis janelas e mais duas divisões de 3×3 que servem de quartos para o professor e missionário, quando êste ali vai em inspecção escolar. A mobília escolar consiste ordinàriamente em uma mesa e cadeira para o professor, e duas mesas e quatro bancos de dois metros e meio de comprimento para os alunos e um quadro preto para exercícios de aritmética. Emblêmas religiosos: um crucifixo, um quadro do orago de cada escola e um quadro do Sagrado Coração de Jesus e outro do Sagrado Coração de Maria. A escola é diária e para dois sexos, menos as da vila, onde há uma diurna e outra nocturna e ambas só para o sexo masculino, por serem regidas pelo missionário. A freqüência escolar do último ano foi de 1912 alunos, sendo 1372 do sexo masculino e 540 do sexo feminino. Os professores são quási todos recrutados na nossa escola de Amatongas.

O programa seguido, na parte literária, é o oficial, na parte religiosa, o ensino do catecismo, sendo tanto um como outro inspeccionado regularmente todos os meses pelo missionário responsável que ali vai dizer missa e administrar os sacramentos; aos domingos, na ausência do missionário, há sempre nas escolas o ensino do catecismo e a recitação do terço.

Em todas as escolas se distribuem gratuitamente medicamentos, fornecidos pela Companhia de Moçambique, e é elevado o número de curativos: os doentes que se apresentaram no último ano às ambulâncias das escolas foram 975 e os curativos feitos 3.550. Se outro não fôsse o resultado das nossas escolas e missões, dever-se-iam de dar por satisfeitos os que as socorrem tão generosamente, comó são o Govêrno, a Companhia de Moçambique e tantas e tantas almas generosas e patrióticas.

*Escola do mato em Penhalonga*

## Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Macequece

| | |
|---|---|
| Área, quilómetros quadrados | 10.050 |
| População | 23.000 |
| Católicos | 750 |
| Catecúmenos | 1.604 |
| Acatólicos | 20.646 |

## Relatório estatístico de 1927 a 1930

| | Sacerdotes | Catequistas | Baptismos | Confirmaç. | Confissões | Comunhões | Extr.-Unção | Matrimón. | Instruções religiosas |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1927 | 1 | 9 | 28 | 21 | 387 | 566 | 2 | 10 | 2.713 |
| 1928 | 1 | 10 | 84 | 53 | 927 | 1.106 | 2 | 13 | 3.245 |
| 1929 | 2 | 13 | 109 | — | 1.631 | 2.082 | — | 13 | 3.663 |
| 1930 | 2 | 19 | 153 | 171 | 2.625 | 3.273 | — | 14 | 3.679 |

## Missão de Nossa Senhora do Rosário de Macequece

### Movimento escolar desde 1927 a 1930

| | 1927 | 1928 | 1929 | 1930 |
|---|---|---|---|---|
| Escolas | 10 | 12 | 15 | 21 |
| Alunos matriculados | 741 | 1072 | 1471 | 1912 |
| » do sexo masculino | 509 | 774 | 986 | 1372 |
| » do sexo feminino | 232 | 298 | 485 | 540 |
| » crianças | 324 | 454 | 739 | 865 |
| » adultos | 427 | 618 | 742 | 1039 |
| » católicos | 28 | 100 | 175 | 308 |
| » protestantes | — | 44 | 116 | 107 |
| » maometanos | — | 2 | — | 1 |
| » indus | — | — | — | 6 |
| » fetichistas | 713 | 925 | 1186 | 1491 |
| » de raça branca | 8 | 10 | 4 | 3 |
| » de raça indo-britânica | — | 2 | — | 7 |
| » de raça mixta | 9 | 16 | 14 | 26 |
| » de raça preta | 716 | 1046 | 1453 | 1876 |
| Aprenderam a ler | 67 | 118 | 79 | 313 |
| Aprovados em exame elementar | 4 | 3 | 5 | 5 |
| Aprovados em exame complementar | — | — | 1 | — |

## Ambulância das Escolas desde 1927 a 1932

| | 1928 | 1929 | 1930 | 1931 | 1932 |
|---|---|---|---|---|---|
| Doentes tratados | 220 | 494 | 975 | 1.425 | 811 |
| Curativos feitos | 1.058 | 5.437 | 3.550 | 4.799 | 3.300 |

*A procissão do Corpo de Deus na Missão de Macequece.*

*Professores e catequistas das* escolas do mato *da Missão de Macequece.*

*Um grupo de recem-baptizados na Missão de Macequece.*

*Porta-bandeira, cornetas e tambores do Grupo 94 do Corpo Nacional de Scouts de Inhambane, fundado pelos missionários franciscanos em 1933.*

# Missão de Inhambane

A Paróquia da Vila de Inhambane foi entregue aos franciscanos em 23 de Abril de 1923.

Fizeram-se notáveis melhoramentos na igreja, que precisava de reparações. Intensificou-se a vida religiosa. Em 1925 abriu-se uma escola para meninas, dirigida, desde 1927, pelas Irmãs Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas. As Irmãs têm feito várias exposições dos trabalhos das alunas, sendo êstes muito louvados e apreciados. Ultimamente, no propósito de contrariar a propaganda protestante, abriu-se a escola de Santa Isabel de Inhampossa que desde logo atraiu a população escolar, sendo obrigada a fechar, por falta de alunos, a escola estrangeira que ali funcionava, pertencente a «Methodist Free Mission». Por todo o distrito de Inhambane há numerosas escolas protestantes; quási tôdas as modalidades do protestantismo por aqui têm os seus representantes ou agentes, e largamente subsidiados pelos centros europeus e americanos. Não obstante, ou por fôrça de certa tradição católica ou instintivamente, as preferências dos indígenas são para as escolas católicas: apenas abre uma das nossas, por mais humildes que sejam seus recursos, os protestantes desistem da concorrência, por falta de alunos.

A densidade da populacão e as boas disposições dos nativos asseguram pleno êxito à acção evangelizadora de Portugal, se esta não fôr atenuada ou abandonada por preguiça, inconstância, inépcia ou estupidez.

A Paróquia de Inhambane tem os seus pergaminhos... O seu arquivo está organizado com regularidade e ordem quási canónicas desde 1800; e de 1898 em diante a escrituração está seguida e ordenada conforme os bons termos da administração eclesiástica. Dos documentos arquivados consta que em 1800 houve na Paróquia de Inhambane 46 baptismos; em 1801, 18; em 1802, 3, etc.

*Igreja da Missão de Inhambane*

*Altar-mor da igreja de Inhambane*

De 1898 a 1910: baptismos, 633; confissões, 15.754; comunhões, 43.044; matrimónios, 59.

Movimento escolar neste mesmo período:

Alunos matriculados: sexo masculino, 1197; sexo femenino, 567. Total, 1764.

Em 1931, nas 6 escolas da Missão, matricularam-se 767 alunos. Houve 4.689 confissões, 13.181 comunhões, 108 baptismos, 8 matrimónios. Eram 2.458 os católicos e 206 os catecúmenos.

A Missão só tem como edifício próprio a igreja. Tanto os Missionários como as Irmãs auxiliares residem em casas arrendadas.

■

## Missão de N. S. da Conceição de Inhambane

### Movimento Religioso

| Ano | Bap. | Matr. | Ext.-Unç. | Crisma | Confissões | Comunhões | Lições catec. | Hom. prat. e sermões |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1923 | 71 | 6 | — | — | 454 | 476 | — | — |
| 1924 | 110 | 4 | — | — | 1.235 | 1.338 | — | — |
| 1925 | 110 | 5 | — | — | 1.391 | 2.304 | — | — |
| 1926 | 156 | 13 | — | 118 | 2.254 | 2.636 | 1.064 | 112 |
| 1927 | 127 | 17 | 7 | — | 2.201 | 3.022 | 1.603 | 132 |
| 1928 | 164 | 17 | 6 | — | 2.788 | 5.124 | 1.512 | 124 |
| 1929 | 158 | 12 | 19 | — | 3.040 | 7.226 | 1.329 | 140 |
| 1930 | 155 | 11 | 6 | — | 3.235 | 8.504 | 1.318 | 207 |
| 1931 | 108 | 8 | 12 | 109 | 4.689 | 13.181 | 1.287 | 104 |
| 1932 | 258 | 8 | 14 | — | 6.034 | 16.954 | 1.329 | 202 |

*N. B.* — Nas lições de catecismo estão incluídas as dadas pelos professores indígenas nas escolas do interior. A partir de 1927 está incluído o movimento da Missão do Môngüè que nos foi confiada nesse ano.

### Movimento escolar

| Ano | Escolas | Alunos | Exames de 1.o grau | Exames de 2.o grau |
|---|---|---|---|---|
| 1924 | 1 | 458 | — | — |
| 1925 | 2 | 482 | — | — |
| 1926 | 5 | 619 | 2 | — |
| 1927 | 6 | 777 | 1 | — |
| 1928 | 6 | 668 | 6 | 2 |
| 1929 | 5 | 450 | 6 | 2 |
| 1930 | 5 | 404 | 10 | 4 |
| 1931 | 6 | 770 | 8 | 6 |
| 1932 | 6 | 680 | 10 | 6 |

*N. B.* — Em 1929 e 1930 não funcionou a escola paroquial nocturna.

*Escola paroquial de Inhambane, dirigida pelos missionários franciscanos.*

*Durante a aula, na escola paroquial de Inhambane.*

■

*Escola de Vasco da Gama, sucursal da Missão de Inhambane.*

■

*Professor da escola sucursal de Inhampossa.*

*Escola sucursal de Inhampossa*

*Procissão de N. Senhora da Conceição, em Inhambane.*

*Colégio de N. Senhora da Conceição em Inhambane, dirigido pelas franciscanas Hospitaleiras Portuguesas. Na aula de canto.*

*Igreja da Missão da Chupanga*

# Missão da Imaculada Conceição da Chupanga

É a Missão mais antiga das existentes nos territórios de Sofala e Manica. Foi fundada pelos jesuitas, que em 1912 a entregaram aos missionários alemãis do Verbo Divino. Por ocasião da entrada de Portugal na Grande Guerra, os missionários alemãis foram obrigados a abandoná-la. Esteve sem missionários até 1923. Em 1923 foi lá colocado um sacerdote do grupo dos Missionários Seculares, que teve de deixar o serviço por falta de saúde. Êste missionário empregou o seu zêlo e grande actividade na construção duma bela igreja, que deixou concluída. A Missão foi confiada em 1929 aos franciscanos, cuja obra principal foi a ampliação e desenvolvimento do internato que em 1930 tinha 56 alunos; em 1931 contava 90; nos princípios de 1933 chegou a 100 o número de alunos. Ao tomarmos o cargo da Missão, havia apenas a escola da sede, único local também onde se ministrava o ensino religioso. Em 1932 a Missão tinha 12 escolas ao longo do rio Zambeze, desde Marromeu a Sena, isto é, na região mais populosa da Companhia de Moçambique, e na extensão de 150 quilómetros.

A população adensa-se muito nas margens do Zambeze, o que torna relativamente fácil a visita dos missionários às numerosas sucursais.

A cargo do superior da Missão da Chupanga tem estado também a antiga paróquia do Chinde, há muito destituida de missionário próprio. Há na missão internato de rapazes, está em preparação o internato de raparigas, que há de ser dirigido pelas Irmãs. É boa a igreja da Missão e igualmente bom edifício a residência dos missionários recentemente construída.

Estão em actividade várias oficinas para aprendizagem de ofícios.

Movimento religioso em 1932:

Baptismos, 83; casamentos, 5; confissões, 2424; comunhões, 8988. Fêz-se diàriamente a catequese na sede da Missão e em várias escolas.

Movimento escolar no mesmo ano: — Funcionaram doze escolas, entre as quais uma de raparigas, instalada em edifício cedido pela Companhia de Moçambique.

Movimento na Ambulância: 363 doentes, 12.950 curativos.

Oficinas em actividade: carpintaria e serralharia, alfaiataria e sapataria. Durante êste ano, como nos anteriores, os aprendizes de pedreiro exercitaram-se nas obras da Missão.

Desde 1932 a escola da sede da Missão funciona num bom edifício.

Ultimamente foi remodelado o plano da Missão: reconstruiu-se ou levantou-se de novo um conjunto de edificações que ocupa uma extensão de 120 metros de comprimento, ficando um pavilhão central com 60 metros e cada um dos laterais com 30 metros.

*P. Albano Emilio Alves, Superior da Missão da Chupanga.*

*Grupo de cristãos da missão da Chuppanga.*

*Escola da Missão da Chupanga*

*Fachada principal da Casa das Missões*

# Casa das Missões

Enquanto a cidade de Moçambique foi a sede do Governo da Colónia, era também o centro dos serviços da Prelazia; com a elevação de Lourenço Marques a capital, aí se estabeleceu igualmente o govêrno eclesiástico.

Mas nem o Prelado tinha residência, nem os serviços da Direcção das Missões estavam condignamente instalados. Em Julho 1930 escrevia o actual Prelado: «Não tendo podido construir a Casa das Missões, mandei fazer a nova residência paroquial, que era necessária. A velha começava a desabar, minada pela formiga branca. As reparações haviam sido orçadas em 160.000$00, e, portanto era preferível, com mais alguma despesa, fazer uma nova residência, como realmente se fêz. Os missionários têm hoje *(em 1930)* nesta cidade melhor residência do que o seu Prelado e o pároco de Lourenço Marques tem um cartório mais desafogado do que a Secretaria Geral das Missões de Moçambique. Tendo a escola paroquial, depois das reparações feitas, sido transformada por completo, faltava-lhe terreno para os recreios dos seus alunos, e por isso se comprou ao lado cêrca de 4.000$m^2$». Feito isto, salvaguardado o belo princípio cristão que manda começar pelos... outros: construída a residência paroquial e comprados 4.000$m^2$ para expansão dos pequenos, vamos à construção da Casa das Missões.

A bela cidade de Lourenço Marques tinha o seu bispo residente, mas o seu bispo não tinha paço nem câmara eclesiástica. A situação era desairosa tanto para o Prelado que se via na impossibilidade de bem receber e acomodar suas visitas e seus hóspedes e de pôr em boa ordem sua gerência administrativa, como para o Govêrno da Colónia que, timbrando em ser generoso com as missões e deferente e obsequioso

*Fachada lateral da Casa das Missões*

para os missionários, se encontrava um tanto comprometido pelas aparências. Na capital de uma grande colónia, esta falta era muito sensível e precisava de ser prontamente remediada; e assim foi. A Direcção das obras Públicas elaborou a planta e incumbiu-se da direcção técnica; o Prelado fêz que as obras corressem aceleradas: a 1 de Dezembro de 1932 foi inaugurada a Casa das Missões que, não obstante a presteza da edificação, não tem absolutamente em nada o aspecto de *obra feita à pressa*.

Situado no alto da Machaquene, Avenida Afonso de Albuquerque, o novo edifício, de linhas correctas e de traço acentuadamente português, é amplo, bem proporcionado aos serviços a que se destina, e ostenta uma quási sumptuosidade.

Desde 1932, e d'ora-avante, a Prelazia de Moçambique tem bom paço episcopal, bem arrumados os serviços de Secretaria e Direcção das Missões, aposentos em que o Prelado faz as honras a suas visitas e exerce a virtude da hospitalidade para com seus missionários em trânsito na capital.

# Missão de Santa Ana da Munhuana

(Lourenço Marques)

Esta Missão nos últimos anos desenvolveu-se consideràvelmente. É formada por um conjunto de edifícios, correspondentes a variados serviços: Igreja; Casa de Educação, constituída pelo internato de raparigas e escola de raparigas externas, residência das Irmãs e escola-jardim; Escola Católica (sexo masculino).

*Igreja.* — Foi construída em 1914. Actualmente parece pequena em relação ao movimento religioso, que vai aumentando.

*Escola Católica.* — A nova escola da Munhuana é um amplo edifício, a que se deu o nome de Escola Católica, e estava concluído no fim de 1933 e pronto a receber centenares de alunos. Veio substituir um antigo casarão onde os rapazes se empilhavam tumultuosamente, uns de pé, outros em bancadas, alguns sentados ou ajoelhados no chão. A nova escola, de alvenaria, de linhas simples e elegantes, com vastos salões, bem arejada, bem mobilada e apetrechada reúne as condições de uma escola moderna, digna de uma capital progressiva como é a cidade de Lourenço Marques.

A nova escola foi inaugurada no dia 11 de Fevereiro de 1934; presidiu à festa Sua Exc.ª o Snr. Governador Geral, assistiram Sua Exc.ª Rev.ma o Snr. D. Rafael, o Exc.mo Snr. Director dos Serviços de Instrução Pública.

*As crianças da Primeira Comunhão com o Snr. D. Rafael e o P. João Rodrigues de Oliveira, franciscano.*

## Movimento religioso

| | Em 1932 | Em 1933 |
|---|---|---|
| Baptismos | 165 | 241 |
| Confissões | 1.844 | 5.219 |
| Comunhões | 9.688 | 13.185 |
| Confirmações | 92 | 116 |
| Matrimónios | 10 | 18 |
| Lições de catequese | 365 | 5.943 |
| Homilias | 40 | 76 |

## Casa de Educação. — Movimento escolar em 1933

| | Sexo feminino | Escola infantil | Total |
|---|---|---|---|
| Total das alunas matriculadas durante o ano | 400 | 153 | 553 |
| Alunas com freqüência regular | 201 | 75 | 276 |
| Alunas com freqüência irregular | 75 | 34 | 109 |
| Média da freqüência | 210 | 72 | 282 |
| Eliminadas durante o ano | 108 | 24 | 132 |
| Existentes no fim do ano | 292 | 129 | 421 |
| Total das presenças | 40.916 | 14.190 | 55.106 |
| Total das faltas | 12.944 | 7.394 | 20.338 |
| Passagens de classe | 104 | — | 104 |
| Alunas aprovadas em exame de 2.° grau | 4 | — | 4 |

*Missão de Santa Ana da Munhuana*

## Escola católica

### Movimento escolar de 1933

| | Diurna | Nocturna | Total |
|---|---|---|---|
| Total dos alunos matriculados durante o ano | 438 | 1.298 | 1.736 |
| Alunos com freqüência regular | 220 | 325 | 545 |
| » » » irregular | 135 | 204 | 339 |
| Média de freqüência | 223 | 265 | 488 |
| Eliminados durante o ano | 64 | 1.118 | 1.182 |
| Existentes no fim do ano | 374 | 118 | 492 |
| Total das presenças | 45.077 | 49.382 | 94.459 |
| Total das faltas | 18.512 | 36.300 | 54.812 |
| Passagens de classe | 42 | 68 | 110 |
| Alunos aprovados em exame de 2.° grau | 6 | 2 | 8 |

### Movimento da Ambulância no ano de 1933

| | Homens | Mulheres | Total |
|---|---|---|---|
| Doentes tratados | 5.828 | 5.666 | 11.494 |
| Curativos | 31.421 | 29.571 | 60.842 |
| Consultas médicas gratuitas | | | 762 |

As Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria tem a seu cargo a Casa de Educação, onde abriram aulas de português e ensino doméstico, organizaram um modelar jardim-escola e criaram um orfanato para crianças africanas. A Igreja e Escola Católica foram dirigidas até há pouco pelo missionário franciscano P. João Rodrigues de Oliveira, agora substituido pelo P. José Miguel Vieira, também franciscano.

*Grupo de Escoteiros da Missão de Santa Ana da Munhuana.*

*Casa de regeneração da Missão de S. José de Lhanguene*

# Missão de S. José de Lhanguene

## (arredores de Lourenço Marques)

A Missão tem duas secções destinadas aos dois sexos, inteiramente separadas, com as respectivas escolas. As obras femininas são dirigidas pelas Irmãs Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas. Ao lado da residência dos Missionários agrupam-se os trabalhos do sexo masculino e junto à residência das Irmãs as obras femininas.

Em Dezembro de 1933 ficou concluída a igreja nova do bairro de Lhanguene que será em grandeza a segunda da Prelazia só quando estiver feita a projectada catedral de Lourenço Marques que já estaria pelo menos começada, se à última hora não surgissem dificuldades de ordem técnica difíceis de resolver. Um relatório do Prelado de Moçambique, de 1930, informava que estavam em construção as igrejas de S. José de Lhanguene e a de Vila Pery e que em breve se ia principiar a grandiosa igreja de Lourenço Marques; e que ficariam, esta e a de Lhanguene, os templos mais vastos da Prelazia. Parece, pois, que a igreja de Lhanguene é por enquanto a maior da Prelazia.

Os Missionários dirigem o internato de rapazes. Há oficinas bem montadas e está bem organizada a instrução profissional. A Missão publica o seu periódico — o *Evangelho* — em português e xi-ronga. Como, já entrado o ano corrente de 1934, a Missão foi dotada de novo material tipográfico, é de esperar, dizia uma correspondência de Lourenço Marques, que o *Evangelho* agora alargue as suas páginas e amplie o campo de propaganda. É o único periódico puramente católico que se imprime na cidade.

As Irmãs dirigem «a bela obra de regeneração da indígena delinqüente, onde esta vai aprender a lavar a roupa, passar a ferro e a costurar». Durante muito tempo serviu de casa para êstes trabalhos um estreito e abarracado casebre de madeira e zinco que em dias de calor se tornava verdadeiramente insuportável. «Não era sem

compaixão — escrevia, em 1930, o Snr. D. Rafael — que eu visitava o velho pardieiro, onde as Irmãs ensinavam os trabalhos às mulheres indígenas. Nunca elas se me queixaram; nunca me pediram que mandasse dar pressa ao acabamento da nova casa. E contudo era o trabalho delas e dirigido por elas que mensalmente lançava nas mãos do Superior da Missão os principais recursos de que êle dispunha para obras diferentes desta. A lavandaria tinha mais de noventa frègueses e a rouparia executava encomendas de multiplicadas dezenas de bandeiras nacionais e de outros trabalhos que acumulavam os recursos da Missão em favor de obras da mesma Missão. A nova lavandaria foi inaugurada sem festas nem aparato. O silencioso trabalho das Irmãs não foi interrompido nem pelo ruído dos louvores, nem pelo rèclamo noticioso das gazetas».

A obra mais simpática da Missão de Lhanguene e que mais carinhos e solicitude tem merecido, tanto da parte do Prelado como do Governador Geral, é a Casa de Correcção, guarda e abrigo das presas indígenas.

Em 1929 foi votada a verba de 300.000$00 para esta obra de religião e humanidade. Em 1930 começou a construção do novo edifício, que foi ràpidamente concluído. Enquanto se não aprontou a casa para a instalação definitiva, as educandas estavam abrigadas em barracões de madeira e zinco — recurso e expediente habitual da *engenharia missionária* nos primeiros estabelecimentos.

A grande predilecção do Prelado de Moçambique por esta obra transparece destas palavras, dirigidas a 7 de Março de 1930 ao Superior da Missão:

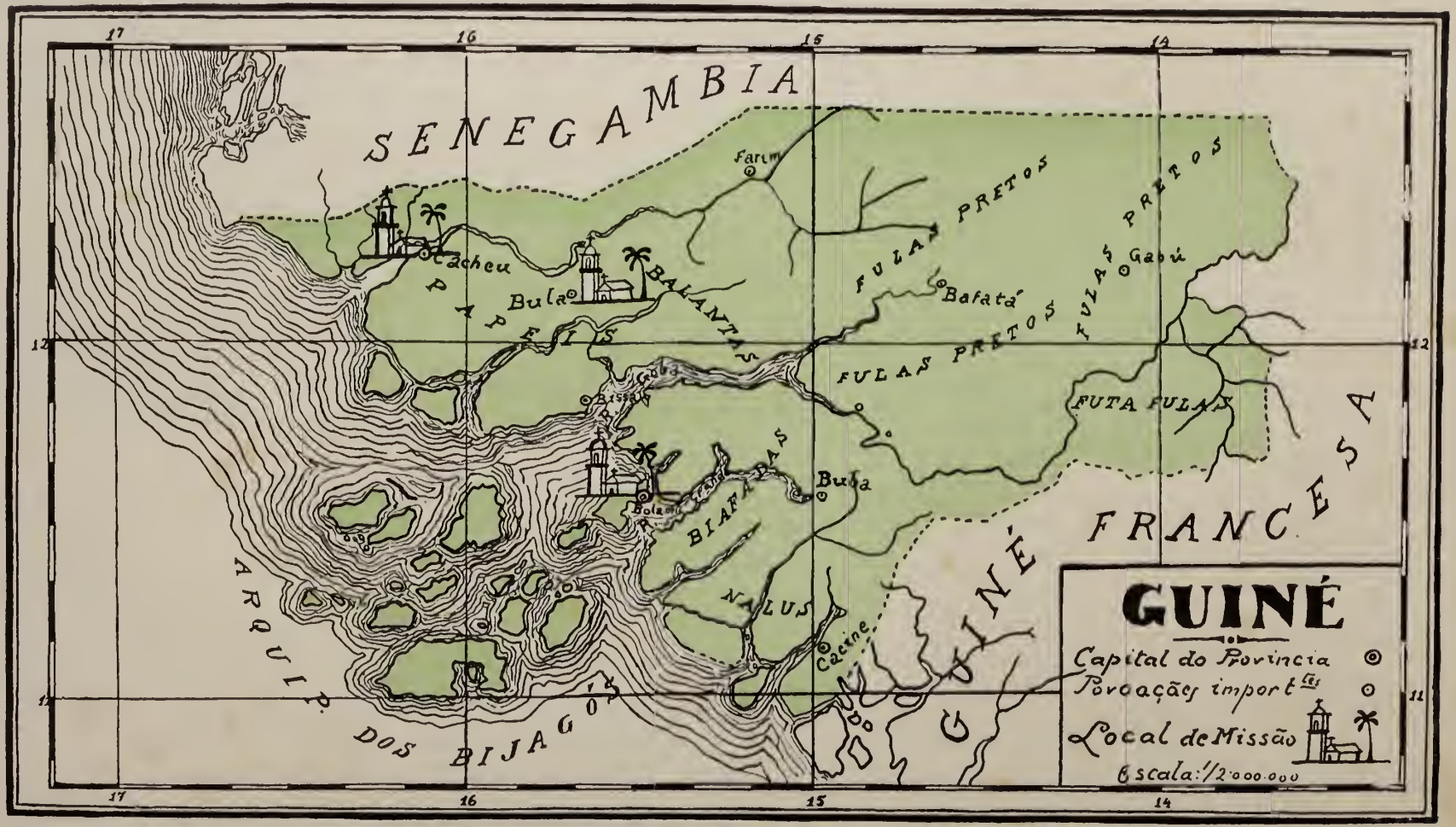
«Há tôda a conveniência, para não dizer necessidade, em dar comêço ao edifício destinado à casa de regeneração das mulheres indígenas, na Missão de S. José de Lhanguene, para o qual já o Govêrno concedeu 100.000$00, para se gastarem no corrente ano económico. Levado por esta e outras razões, determino que cessem tôdas as obras que não estão expressamente autorizadas por mim e que se dê comêço imediato ao dito edifício. Para que esta construção se possa fazer com o possível aproveitamento da verba concedida pelo Govêrno e das outras verbas da Missão, pode V. Rev.ª aproveitar o pessoal necessário para que passe a vencer directamente pelo orçamento das Missões, sem sobrecarregar a construção».

«As presas indígenas — escrevia ainda o Snr. D. Rafael — são dignas da nossa compaixão e não se lhes pode reformar a vida sem que os ensinamentos morais sejam envolvidos em afeições e carinhos, dispensados pelas suas educadoras. O barracão de madeira e zinco não é abrigo que se deva manter e, por isso, o novo edifício é mais necessário que as outras construções que podem ainda esperar sem tão graves inconvenientes».

*Na ambulância da Missão de S. José de Lhanguene.*

Esta fundação honra sobremaneira a nossa administração colonial, e nota bem a importância da acção missionária.

# Mapa das Missões Franciscanas na Guiné Portuguesa



*Missão de Bula. Estão ao serviço da Missão os edifícios do lado direito.*

# Missão da Guiné

Por fins de 1929 o Ministério das Colónias enviou ao representante das Missões Franciscanas Portuguesas o seguinte ofício:

«Ministério das Colónias. — Repartição Autónoma de Justiça e Cultos. — Exc.mo Senhor: A Direcção das Missões de Cabo Verde pretende organizar o serviço missionário na Guiné, o qual se acha subordinado à mesma Direcção; muitas têm sido, porém, as dificuldades derivadas da falta de missionários; por sua vez, Sua Exc.ª o Ministro tem-se empenhado por dotar a mesma Colónia de elementos indispensáveis para a instalação, ao menos, de uma missão. E para o caso basta considerar que a Guiné, colónia vastíssima e com uma população de perto de 800.000 habitantes, tem ao seu serviço apenas um missionário! Conta Sua Ex.ª que a Corporação de que V. Ex.ª é digno representante não deixará de dar o seu concurso a tão justo *desideratum,* donde só podem resultar vantagens para a causa missionária; por isso me imcumbe de levar o caso ao conhecimento de V. Ex.ª, certo de que envidará todos os esforços tendentes ao bom êxito do que deve ser pretensão de todos nós. — Saúde e Fraternidade. — Repartição Autónoma de Justiça e Cultos, em 28 de Dezembro de 1929. — O Juiz de Direito, Chefe da Repartição. — Alfredo E. Lencastre da Veiga».

Correspondendo ao apêlo ministerial, o grupo dos Missionários Franciscanos incumbiu o Rev.º P. Pedro Araújo, ao tempo missionário da Colónia de Moçambique, de vir à Metrópole preparar as coisas, organizar a nova expedição missionária e de seguir com ela para a Guiné.

Um missionário, e sobretudo um bom chefe missionário como o é o Rev.º P. Araújo, não é fàcilmente substituível, nem se podia deslocar de Moçambique a Portugal e de Portugal para a Guiné assim num abrir e fechar de olhos, ou enquanto entre o Ministério das Colónias e um instituto missionário se trocavam alguns ofícios...

É verdade que o pedido oficial denotava certa impaciência, quási angustiosa,

bem marcada com um ponto de admiração, que não é de uso em correspondência desta natureza. — «E para o caso basta considerar que a Guiné, colónia vastíssima e

*Escola da Missão de Bula.*

com uma população de perto de 800.000 habitantes, tem ao seu serviço apenas um missionário!»

O tempo ia passando e as coisas iam melhorando... mesmo na Guiné. Se em 1929 só se contava a heróica constância do Rev.º P. José Pinheiro, vigário geral da Guiné e pároco de Nossa Senhora da Candelária de Bissau, decorridos alguns meses, havia pároco também em S. José de Bolama (o Rev.º João Augusto de Sousa); e, pouco antes de chegarem os franciscanos, o serviço religioso da Guiné estava assim distribuído: Cónego António Miranda de Magalhãis, vigário geral e pároco de Bolama; P. João Augusto de Sousa, pároco de Cacheu; P. José Pinheiro, pároco de Bissau.

A 6 de Julho de 1931 comunicou-se ao Ministério das Colónias que o grupo dos Missionários Franciscanos tendo sido instado pelo mesmo Ministério das Colónias a enviar para a Guiné alguns de seus missionários, imcumbira o Rev.º P. Pedro de Araújo, ao tempo missionário em Moçambique, de vir à Metrópole reünir-se ao

*Os alunos da Missão nos exercícios de ginástica.*

pessoal destinado à nova fundação e de com êle seguir para a referida Colónia; e juntamente se pedia que ao proposto chefe das missões franciscanas da Guiné fôsse abonada a passagem de Lourenço Marques a Lisboa.

Neste momento as diligências oficiais por *dotar a Colónia da Guiné, ao menos, de uma missão* em forma estavam um pouco esquecidas. Sua Ex.ª o Ministro das Colónias, contudo, dispensou tôda a benevolência e costumados auxílios ao empreendimento missionário.

P. Pedro de Araújo chegou a Lisboa a 6 de Novembro de 1931. Dentro em pouco estava formado o grupo missionário da Guiné: P. Pedro de Araújo, P. Francisco Alves Crespo, P. José Augusto de Miranda Pascoal e os Irmãos auxiliares António Fernandes e José Queirós. Por fins de Dezembro de 1931 o grupo estava em Lisboa à espera do barco. Esta espera deu tempo sobejo para minuciosos preparativos de embarque e despedidas vagarosas e solenes como ninguém mais as teve, a não ser um outro grupo de missionários, também franciscanos, que na ocasião esperavam seu barco para Moçambique, e por esta circunstância entraram nas festas daquele *despedimento*. Reünidos, pois, os dois grupos (o de Moçambique era constituído por P. Martinho da Rocha Barbosa, P. Francisco Feliciano e P. Manuel António Sambade) efectuou-se na igreja de Santo António à Sé, no dia 6 de Janeiro de 1932, a cerimónia litúrgica da *despedida de missionários*.

*O campanário da Missão de Bula.*

«Além de numeroso público, dignaram-se assistir ao acto Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Núncio Apostólico, os representantes dos Padres Seculares, Padres do Espírito Santo e Franciscanos. Depois da missa cantada, em que oficiaram os mais antigos dos homenageados, subiu ao púlpito o Rev.º P. José Pedro Ferreira que num discurso eloqüentíssimo e comovente exaltou o heroísmo dos novos apóstolos de Deus e da Pátria. Seguiram-se as orações e cânticos do ritual e, como êste cerimonial da despedida de missionários constituía uma autêntica novidade litúrgica, impressionou vivamente todos os presentes. Viam-se lágrimas em muitos rostos».

Houve mais em honra dos missionários em 10 de Janeiro, uma sessão solene na Sociedade de Geografia, que os noticiários classificaram, «sem exagêro», de «sensacional». A sessão realizou-se na sala «Portugal» onde se reüniram umas três mil pessoas.

«Perante uma assistência tão numerosa pronunciou ó distinto professor da Escola Superior Colonial, Snr. Lopo Vaz de Sampaio e Melo, uma conferência magis-

tral, pondo em destaque o valor moral e civilizador que representam as missões católicas em terras de além-mar.

«As palavras do orador, repassadas de fé e sinceridade, mereceram muitos aplausos do público que durante uma hora ouviu com o mais vivo interêsse o que fazem êsses obscuros obreiros, os missionários, que no recôndito das selvas se ocupam em preparar almas para Deus e formar cidadãos prestimosos para Portugal.

«Finda a conferência foram passados vários filmes das missões franciscanas da Beira e Amatongas e outros de documentação colonial de Moçambique».

Emfim... «Cá estamos na Guiné, a pouco mais de um mês da nossa chegada!» — escrevia o Rev.º P. Pedro de Araújo, em 24 de Março de 1932. (Tinha embarcado com seus companheiros a 29 de Janeiro).

«Cá estamos na Guiné. E, a pouco mais de um mês da nossa chegada, já começámos com os nossos trabalhos. Resolvemos estabelecer a missão central em Bula, povoação situada no meio da região que nos confiaram. É um centro populoso, formado pelos indígenas autóctones (Manjacas e Mancanhas, pouco contagiados, se não de todo indemnes, da influência maometana.

«Esta disposição dos naturais em relação ao maior obstáculo que encontra a propaganda do cristianismo em África, em geral, e na Guiné, em especial, serviu-nos de indicação: temos de começar — já começámos — por aqui; é com esta gente (ou com êste gentio...) que temos de nos haver e entender. Lucradas estas almas, iremos com elas à conquista de outras. Temos, portanto, de intensificar entre Mancanhas e Manjacas a acção missionária, para que, uma vez ingressados na Religião Católica, o seu exemplo arraste as tríbus vizinhas. Onde o maometismos penetrou, a conversão é mais lenta e dificultosa.

«Em Cacheu está o P. Francisco Crespo com o Ir. auxiliar José Queirós. Já lá têm uma numerosa e muito animada Catequese. Como de Bula a Cacheu são apenas 70 quilómetros, e estão boas as vias de comunicação, com relativa facilidade

*Escola de Cô, sucursal da Missão de Bula.*

mùtuamente nos ajudaremos. Farim está a uns 100 quilómetros de Bula: lá iremos (há boas estradas) atender os cristãos, de tempos a tempos, até que seja possível ali fixar residência permanente.

...«Todos nos damos esplendidamente: boa saúde, boa disposição e boa vontade de trazer tôda esta pobre gente ao grémio de Cristo e de sua Igreja».

Os missionários franciscanos foram carinhosamente recebidos tanto pelas autoridades eclesiásticas como civis. O Superior agradece esta benevolência com as seguintes palavras:

«Sua Ex.ª Rev.ma o Snr. Bispo de Cabo Verde, de cuja diocese faz parte a Guiné, recebeu-nos de braços abertos, deu-nos tôdas as facilidades que estavam ao seu alcance. Mais do que ninguém sentia o Snr. D. José Alves Martins o abandôno a que estava votada aquela importante parte do seu rebanho; o seu coração de Pastor sangrava de dor, por lhe não ser possível acudir à Guiné com os recursos religiosos, de que tanto carecia. Por isso rejubilou com a fundação da Missão Franciscana de Bula, vendo desenharem-se dias de prosperidade espiritual para os pobres selvagens da Guiné.

«Das autoridades civis não podia ser melhor o acolhimento. Dois Governadores e dois Encarregados do Govêrno tivemos neste curto espaço de tempo (estas palavras foram escritas em Novembro de 1933); pois tanto os Governadores como os Encarregados têm sido solícitos em prestar todos os auxílios para que a nossa acção civilizadora seja útil à colónia. As circunstâncias económicas não têm permitido que êsse auxílio haja sido tão eficaz como seria para desejar e Suas Ex.as de facto desejam. Ainda assim o que positivamente têm feito, junto à boa vontade e simpatia que sempre mostram e aos manifestos desejos de fazerem muito mais, tem valorizado os nossos esforços, tem-nos dado alento e boa disposição, traz-nos cheios de esperanças. Ora isto é de altíssimo valor na vida missionária».

O mesmo bom acolhimento tiveram os novos missionários dos poucos que lá

*Escola de Xuro, sucursal da Missão de Cacheu.*

estavam: o Rev.mo Snr. Cónego António Miranda Magalhãis teve-os quatro dias como hóspedes, tratando-os com fraternal carinho e estremada gentileza; e o Rev.mo P. José Pinheiro tem-lhes servido de guia com sua experiência e conhecimento da terra e ampara-os com a sua dedicação e inquebrantável amizade.

Diz o Superior dos Franciscanos da Guiné que «ainda assim o que positivamente se tem feito» em matéria de auxílios económicos, «junto à boa vontade e simpatia, tem valorizado os esforços missionários». Efectivamente é de boa filosofia, que muito vale o pouco, se de boa vontade se dá; em todo o caso transparece das referidas palavras que muito outro teria sido o andamento das missões na Guiné, nos dois últimos anos, se fôsse melhor a situação financeira do Govêrno da Colónia. Quando o Governador Snr. Leite de Magalhãis pedia, insistia e reinsistia, por todos os correios, ao Ministro das Colónias, Snr. Eduardo Marques, que era necessário, que era de absoluta necessidade criar na Guiné uma missão digna dêste nome, tinha criado a respectiva verba orçamentológica no ano económico de 1929-1930. Decorre o ano económico e outro, e os missionários não apareciam. A verba, claro, teve outra aplicação. E como, ao que parece, é mais fácil gastar uma verba de receita que inventá-la, os pobres missionários que foram para a Guiné têm-se visto em dificuldades...

Os novos missionários da Guiné combinaram um bom programa.

«Escolhemos para Missão Central um ambiente completamente gentio, um ponto afastado dos aglomerados europeus, excelente pôsto de irradiação civilizadora. Com êste isolamento procuramos obstar ao êxodo do indígena para os centros europeus; porquanto uma das grandes preocupações do missionário tem de ser criar no indígena o amor à terra, evitar que a abandone, porque só êle está em condições de a valorizar. A Missão Central tem que exercer a função das antigas abadias, que em volta de si concentravam a população, ensinavam, com a teoria e pelo exemplo, as artes e os ofícios; utilizavam a terra, civilizavam o habitante.

«A Missão Central de Bula é destinada principalmente a formar professores-catequistas, em regime de internato, para os dois sexos.

«É absolutamente indispensável a educação paralela de rapazes e raparigas, para que o apostolado seja eficaz; e não o será nunca, se não conseguirmos fundá-lo na família cristã».

Os internatos da Missão Central, *os nossos dois internatos, o de rapazes e o das raparigas,* já no fim de 1933 estavam ainda em via de formação! O internato feminino abrigava, de qualquer maneira, umas 20 crianças. O dos rapazes, por falta de acomodações, ainda não estava em actividade: funcionava... *in mente*.

Os internatos, evidentemente, não se podem sustentar só de *simpatias* e *boa vontade*.

O internato das raparigas está confiado às Irmãs Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas. — Partiram 4 religiosas dêste instituto para as missões da Guiné em 11 de Março de 1933. — Com a chegada das Irmãs, dispuseram-se as coisas para inaugurar e pôr em andamento o internato das raparigas. Enquanto não chegar a 50 o número de crianças, segundo o programa missionário, é obra muito incompleta.

«O trabalho dos internatos tem o seu prolongamento nos dois externatos correspondentes, dos dois sexos; êstes (os externatos) já se encontram em actividade (fins de 1933) e dão-nos fundadas esperanças de vir a ser cada vez mais freqüen-

tados». — Como já se advertiu, em Novembro de 1933 o internato de rapazes estava na *intenção, programa* ou *teoria* do chefe dos missionários franciscanos da Guiné; o internato das raparigas, era um rancho de meninas sob a protecção dos *anjos da caridade*... que em velho português se chamavam freiras e que no mês de Março de 1933, como já ficou notado nesta *verídica história,* aportaram à Guiné. — «Materialmente também se tem trabalhado, e não pouco», afirma o ilustre chefe missionário, cujas informações dão a substância desta relação.

E continua: «Em Bula levantámos dois pavilhões, cuja área se pode calcular pelas 28.859 telhas marselhesas que em os cobrir gastámos». Suponho que um dos pavilhões foi destinado a residência das Irmãs, e internato de suas meninas; mas o telheiro, o barracão que se chamava *internato* estava tão protegido por férreas grades conventuais, que numa madrugada, quando tudo dormia profundamente menos os olhos vigilantes de uma das Religiosas, uma horda de alentados selvagens irrompe por ali dentro, alfanges em punho, percorre o dormitório e foge ràpidamente, levando cada *guerreiro* um braçado de roupa e, para que se lhe não diminua o espólio, segurando o alfange nos dentes rilhados. Com o saque do pavilhão foram-se peças de mui diversas qualidades e feitios, porque naturalmente os trabalhos de costura e lavandaria estavam a cargo do Internato feminino.

*As primeiras Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas que foram para a Guiné.*

No fim do ano de 1933 os nossos missionarios da Guiné desenvolviam a sua actividade nos estabelecimentos de Bula; na paróquia, escolas e catequeses de Cacheu e arredores; tinham pronta a ser inaugurada uma boa escola em Cô, sede do règulado e pôsto administrativo; haviam fundado... levantado? armado? improvisado, ou como queiram dizer, uma escola em Xuro, règulado de Balencanta, a 22 quilómetros de Cacheu: a qual escola, diz uma informação que transcrevo, «tem 20 metros de comprimento e 8 de largura, é de pau-a-pique e coberta de palha».

A escola de Xuro pertence (ou pertencerá) à tribu dos Manjacos, que se mostram particularmente afeiçoados aos missionários. As escolas de Bula e Cô são em benefício dos Mancanhas, que, não obstante o assalto ao Internato das Irmãs, se não poderão chamar gentes de má raça.

Em 2 de Março de 1934 partiu para as missões da Guiné outro grupo franciscano, formado pelos sacerdotes António Joaquim Dias, Joaquim Pereira das Neves e Ir. Auxiliar António Nogueira da Cunha.

## Mapa do movimento religioso da Missão Central de Bula, de Julho de 1932 a Junho de 1933.

| Baptismos | Confissões | Comunhões | Óbitos | Catequese | Catecúmenos |
|---|---|---|---|---|---|
| Sexo masc. 13 | de preceito 43 | de preceito 43 | 3 | a crianças 325 | 345 |
| » fem. 9 | de devoção 317 | de devoção 700 | | a adultos 74 | |

**Nota.** — Todos os dias se faz a catequese nas escolas, e todos os Domingos e Quintas-feiras aos adultos.

## Movimento da vestiaria e ambulância, de Julho de 1932 a Junho de 1933.

| Vestidos existentes | | Ambulância | |
|---|---|---|---|
| Do sexo masculino | 18 | Doentes tratados: | |
| » » feminino | 16 | Sexo masculino. | 62 |
| Outras peças | 27 | » feminino | 70 |
| Vestidos feitos e distribuídos | 110 | Curativos: | |
| Calções para rapazes | 88 | Sexo masculino. | 754 |
| Blusas » » | 96 | » feminino | 659 |
| Diversos | 40 | Total. | 1.545 |
| Mantas para os internos | 36 | | |
| Em armazém: | | | |
| Peças de riscado | 2 | | |
| Peças de cotim | 1 | | |
| Mantas | 4 | | |

## Mapa do movimento da Missão de Bula em 1932-1933.

| | Alunos matriculados | | Freqüência média | |
|---|---|---|---|---|
| | Sexo masculino | Sexo feminino | Sexo masculino | Sexo feminino |
| Outubro | 101 | 27 | 63 | 20 |
| Novembro | 107 | 27 | 80 | 17 |
| Dezembro | 109 | 27 | 80 | 20 |
| Janeiro | 109 | 27 | 57 | 12 |
| Fevereiro | 116 | 27 | 49 | 11 |
| Março | 116 | 27 | 32 | 11 |
| Abril | 185 | 62 | 117 | 41 |
| Maio | 185 | 62 | 115 | 41 |
| Junho | 185 | 62 | 75 | 29 |

## Movimento Religioso da Paróquia Missionária de Cacheu, de Julho de 1932 a Junho de 1933.

| Baptismos | Confissões | Comunhões | Extrema-Unções | Casamentos | Óbitos | Catecúmenos |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Adultos 50 | Preceito 119 | Preceito 119 | 6 | 1 | 12 | 247 |
| Adultas 20 | Devoção 1017 | Devoção 1917 | | | | |
| Meninos 35 | | | | | | |
| Meninas 35 | | | | | | |

## Movimento Escolar, Catequético e do Vestiário da Paróquia Missionária de Cacheu.

| | | sexo m. | sexo f. |
|---|---|---|---|
| Alunos Matriculados no Xuro . . . . . | | 80 | 27 |
| *Catequeses:* | | | |
| Vila de Cacheu. . . . . | | 50 | 55 |
| Xuro . . . . . | | 80 | 36 |
| Cacanda . . . . . | | 58 | 14 |
| | Total | | 293 |
| *Vestiário:* | | | |
| Destribuíram-se fatos a rapazes. . . . . | 80 | | |
| » » a raparigas . . . . . | 33 | | |

*Altar da capela da Missão de Bula.*

# Actividade escolar nas Missões Franciscanas de Moçambique

Os mapas escolares enviados pelas Missões Franciscanas à Primeira Exposição Colonial Portuguesa, do Pôrto, indicam mui notável acréscimo da actividade escolar. Neste louvável esfôrço pela instrução distinguem-se particularmente os centros missionários da Beira, Macequece e Chupanga.

Escolas actuais da Missão da Beira:

1.º Escola de Artes e Ofícios; 2.º Escola Tito de Carvalho; 3.º Escola D. Rafael; 4.º Escola do Beato Nuno, Manga; 5.º Escola de S. João Baptista, Manga, Loforte; 6.º Escola de Santo António, Barada; 7.º Escola de S. José, Bura; 8.º Escola de S. Bernardino, Manica; 9.º Escola de S. Francisco, de Massanzane; 10.º Escola Marquesa de Fontes; 11.º Escola da Imaculada Conceição, da Chitanda; 12.º Escola de Santa Teresa do Menino Jesus, de Chiloane; 13.º Escola de S. Gonçalo, de Inharingue; 14.º Escola de Marupanhe (em construção); 15.º Escola Bartolomeu Dias, de Mambone; 16.º Escola Pery de Linde, de Mambone; 17.º Escola Infante D. Henrique, de Mambone; 18.º Escola Vasco da Gama, da Maia; 19.º Escola da Machanga; 20.º Escola de Muterero (em construção); 21.º Escola de S. Luís, de Chicoio, Búzi; 22.º Escola de Santa Isabel, de Inhanguvo; 23.º Escola de Inhamita; 24.º Escola de Bandua; 25.º Escola de N. Senhora da Fátima, da Estaquinha; 26.º Escola de S. António de Muconjo; 27.º Escola de S. José, de Goonda; 28.º Escola de Bupira; 29.º Instituto Pio X, Beira.

A Missão de Macequece mantém as seguintes escolas:

1.º Escola de Santa Isabel; 2.º Escola de Revue; 3.º Escola de Duda; 4.º Escola de Zónue; 5.º Escola de Vista Alegre; 6.º Escola de Chirara; 7.º Escola de Freire de Andrade; 8.º Escola de Machipanda; 9.º Escola de Jécua; 10.º Escola de Vumba; 11.º Escola de Chizuca; 12.º Escola de Penha Longa; 13.º Escola de Josse; 14.º Escola de Inhaombe; 15.º Escola de Mucudo; 16.º Escola de Colónia; 17.º Escola de Chua; 18.º Escola de Mutengavo; 19.º Escola de S. Pedro; 20.º Escola de S. Paulo; 21.º Escola de N. Senhora do Rosário, do Báruè; 22.º Escola de Santa Teresinha; 23.º Escola de Macuiona; 24.º Escola de Maxaze; 25.º Escola de Xinhica.

Escolas da Missão da Chupanga:

1.º Escola Frei João dos Santos; 2.º Escola de Marromeu; 3.º Escola de Mangási; 4.º Escola de S. Francisco de Bauási; 5.º Escola de Santo António de Bue; 6.º Escola de Chupanga; 7.º Escola de Lacerdónia; 8.º Escola de Nazaré; 9.º Escola do S. Coração de Jesus, de Cocorico; 10.º Escola de S. José, do Zangue; 11.º Escola de Vila Fontes; 12.º Escola de Santa Teresinha de Murraça; 13.º Escola de Magagade; 14.º Escola de Candeia; 15.º Escola de Inharuca; 16.º Escola de Chemba.

Escolas da Missão de S. João de Deus, de Homoíne:

1.º Escola de S. João de Deus (sexo masculino); 2.º Escola de S. João de Deus (sexo feminino); 3.º Escola do Beato Nuno, da Boa Vista; 4.º Escola de Santo António, de Chisapela; 5.º Escola de S. Francisco, de Nhacuarre; 6.º Escola de Santa Isabel, de Mafuiane; 7.º Escola de S. José de Nhaputo; 8.º Escola de S. Pedro do Zualo; 9.º Escola de S. Paulo do Machavel; 10.º Escola de N. Senhora da Conceição, do Bogucha; 11.º Escola de S. Pascoal Bailão, do Mobécua; 12.º Escola de S. João Baptista do Nhamângua; 13.º Escola de Santiago do Gualungualo; 14.º Escola de N. Senhora da Fátima, de Homoíne.

Escolas da Missão de Inharrime (Mocumbi):

1.º Escola de S. Francisco (sexo masculino); 2.º Escola de S. Francisco (sexo feminino) 3.º Escola de Santo António de Chambá; 4.º Escola de Santa Isabel de Nhambel; 5.º Escola de S. João Baptista, de Inhakache; 6.º Escola do Menino Deus, de Coguno; 7.º Escola de S. José, de Madovela; 8.º Escola de S. Boaventura, de Ganda; 9.º Escola de N. Senhora da Fátima, de Mavila; 10.º Escola de S. Miguel, de Mangorro.

Escolas da Missão de Amatongas:

1.º Escola de Maria Imaculada (sexo masculino); 2.º Escola de Maria Imaculada (sexo feminino); 3.º Escola de Maria Imaculada (sexo masculino, nocturna); 4.º Escola de Vila Pery; 5.º Escola de Santo António, em Nhambia; 6.º Escola de Santa Isabel, em Mbako; 7.º Escola de S. Pedro, em Zinuga; 8.º Escola de S. José, de Chinama.

Escolas da Missão de Inhambane:

1.º Escola de N. Senhora da Conceição (sexo masculino); 2.º Escola de N. Senhora da Conceição (sexo feminino); 3.º Escola de N. Senhora da Conceição (sexo masculino, nocturna); 4.º Escola de S. Bernardino; 5.º Escola de Santa Isabel, de Inhampossa; 6.º Escola de S. José, no Môngüè.

■

Para a população do vale do Zambeze, por onde se estende o rosário de escolas da Missão da Chupanga, elaborou o R. P. Albano Emílio Alves um Catecismo em Português-Chironga, que foi impresso na Escola de Artes e Ofícios da Missão da Beira.

Para o centro populacional de Homoíne, o mais importante do distrito de Inhambane, há o Catecismo Português-Xitswa do R. P. Joaquim Violante, igualmente impresso na Escola de Artes e Ofícios da Missão da Beira.

Na mesma tipografia da Escola de Artes e Ofícios da Missão da Beira os missionários franciscanos publicaram catecismos em Português-Manica e Português-Machangane para servirem nas escolas e catequeses da região de Macequece e da Beira.

# Informações da última hora

Nomeados em Maio partem agora para as Missões de Moçambique: o P. Luís Feliciano dos Santos, doutorado em Filosofia pela Universidade de Lovaina e professor de Filosofia durante 11 anos nos colégios de formação de Missionários Franciscanos; o P. Carlos Duarte da Silva Azeredo, prefeito e professor durante 5 anos no Colégio missionário de Montariol (Braga); e os Padres António José Ribeiro e Manuel Joaquim Ventura Reis, que após conclusão do curso teológico no Seminário Franciscano de Varatojo (Tôrres Vedras), freqüentaram as cadeiras de Higiene Tropical, Etnologia, Administração colonial, Construção civil, Topografia e Agrimensura e História colonial, na Escola Superior Colonial de Lisboa.

# Índice


PÁG.

D. Rafael Maria da Assunção . . . . . 5
Missões Franciscanas Portuguesas (1898-1934) . . . . . 7
Desenvolvimento das Missões Franciscanas Portuguesas . . . . . 9
Pessoal Missionário . . . . . 11
Colégios das Missões Franciscanas em 1933. . . . . 17
Missão da Beira . . . . . 27
Missão de S. José do Môngüè . . . . . 45
Missão de Chai-Chai . . . . . 48
Missão de Inharrime . . . . . 54
Missão de Homoíne . . . . . 61
Missão de Amatongas . . . . . 72
Missão de Macequece. . . . . 75
Missão de Inhambane. . . . . 81
Missão da Imaculada Conceicão da Chupanga . . . . . 86
Casa das Missões. . . . . 88
Missão de Santa Ana da Munhuana . . . . . 90
Missão de S. José de Lhanguene . . . . . 93
Missão da Guiné . . . . . 95
Actividade escolar nas Missões Franciscanas de Moçambique. . . . . 104
Informações da última hora . . . . . 106

*Com aprovação eclesiástica*

11880TB 275
10-09-97 32180 MS

Princeton Theological Seminary Libraries
1 1012 01194 8009